



Recortes de Imprensa

Março 2010

apoio





DOSSIÉ

AS MULHERES E A VIOLÊNCIA

Nos tempos que correm o dia 8 de Março ainda nos lembra as mulheres que são sujeitas a vários tipos de violência em diferentes latitudes. A FAMÍLIA CRISTÃ aborda este mês o que se passa em casa de algumas famílias portuguesas. Como não há duas famílias iguais nem as mesmas soluções para todas, falámos com técnicos que estão a trabalhar com as mulheres e as suas famílias e com a secretária de Estado da Igualdade, Elza Pais. O psicólogo clínico Manuel Coutinho, coordenador do SOS Criança, deixa um alerta sobre o impacto que a violência familiar tem nas crianças.

texto **Silvia Júlio**

Violência conjugal

Colher entre marido e mulher

Eis duas faces da realidade da violência conjugal. Uma é a história de quem acabou com uma relação de violência, a outra de quem restaurou o casamento com ajuda especializada.

O nome pouco importa. A história de vida desta mulher sofrida, de quarenta anos, é escrita com palavras de vergonha e humilhação. Durante o namoro já sofria abusos por parte do homem que dizia amar. Entretanto, engravidou e depois casou. Os maus-tratos eram intercalados com momentos – raros – de alegria. A seguir a estes períodos chamados de lua-de-mel, voltavam os momentos tensos e as agressões. Depois ele pedia perdão e o ciclo voltava a repetir-se nos dias, nas semanas e nos anos seguintes. Mais tarde, nasceu outro filho. Seguiram-se outros episódios que mais parecem de uma série de terceira categoria: espancamentos, entradas no hospital e queixas na polícia. Ele volta a pedir mais uma oportunidade e depois outra. Regressa à violência física e psicológica uma e outra vez. O marido insiste em atribuir-lhe amantes e chamar-lhe nomes. Os filhos de quinze e seis

anos assistem a tudo. O rapaz toma o partido do pai, a rapariga o da mãe. Ambos são sujeitos a uma sucessão de episódios violentos.

A mulher disse "basta" aos pontapés que tem levado e procurou ajuda. Um dia destes foi a casa buscar o que lhe pertencia com escolta policial. Voltou para junto dos pais com a filha mais nova. Mas a violência ainda não acabou. O homem furou-lhe os pneus do carro e não pára de enviar mensagens para o telemóvel dela, intimidando-a com ameaças e ofensas. Mais: o filho mais velho reproduz o que ouve do pai. Também ele chama nomes à mãe e diz-lhe coisas como: «O que merecias era que te espetassem uma faca nas costas.» A realidade ultrapassa a ficção. Histórias destas continuam a ser relatadas por vítimas de violência doméstica.

Na última década, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) tem recebido mais denúncias, porém «são uma pontinha do icebergue»,

constata Maria Rodrigues Vacas, assessora técnica da instituição.

Segundo os dados de 2009 da APAV, divulgados no mês passado, 88% das 6682 vítimas de violência doméstica são mulheres [ver gráfico]. Maus-tratos físicos, psíquicos, ameaças e casos de violação fazem parte do rol de queixas.

As mulheres que procuram esta associação são, em regra, «pessoas assustadas, confusas, inseguras, com perturbações do sono, muitas vezes sob ameaça». Socialmente, «muitas vezes, as vítimas encontram-se numa situação insustentável, sem emprego, sem habitação, sem um novo projecto de vida...»

A APAV tem duas casas-abrigo, onde as vítimas são acolhidas e ajudadas a encontrar um novo caminho para as suas vidas.

A associação Chão dos Meninos

trabalha com as crianças vítimas de maus-tratos infantis e suas famílias. A violência conjugal e as situações de mau-trato infantil cruzam-se muitas vezes. «A intervenção que desenvolvemos obriga-nos a olhar para a violência conjugal não só do ponto de vista do casal, mas também do ponto de vista dos filhos», esclarecem as técnicas Dora Pereira e Elsa Machado, uma psicóloga, outra assistente social.

Seja rica ou pobre, numa família onde exista violência conjugal há duas características do funcionamento familiar que saltam à vista: a forma como os membros da família comunicam e as diferenças de poder

entre os mesmos. «Quando existe violência as pessoas deixaram (ou nunca conseguiram fazê-lo) de conseguir comunicar acerca da relação, dos seus sentimentos, ideias, expectativas. A que acresce o facto de a visão daquele que agride ser imposta, fazendo com que todo o funcionamento do casal reflecta o poder desse elemento e deixe de ser um percurso verdadeiramente partilhado e construído a dois», constata as técnicas.

Estas especialistas, que são também terapeutas familiares, consideram que o casal necessita de um espaço onde possa (re)aprender a comunicar e a reequilibrar a relação. Alertam, no entanto, que «a cessação da violência não implementa automaticamente novas formas de relação». Há a necessidade de um acompanhamento onde ambos possam reflectir e exercitar conjuntamente uma comunicação não violenta. «O acompanhamento individual pode ser igualmente importante em alguns casos, quer para o casal, quer para as crianças, mas em nosso entender não deve ser dispensado um acompanhamento conjunto nas situações em que o casal ainda mantenha um projecto de vida comum, pois é nesse contexto que a "teia" relacional é mais claramente abordada.»

O trabalho desenvolvido por Dora Pereira e Elsa Machado leva-as a afirmarem que «é possível restaurar uma relação violenta». É, no entanto – esclarecem –, um processo moroso e complexo que depende de

muitos factores, nomeadamente da verdadeira motivação para a mudança, das características do agressor e da vítima, da duração das agressões, da duração da relação, da história pessoal de cada um, entre outros.

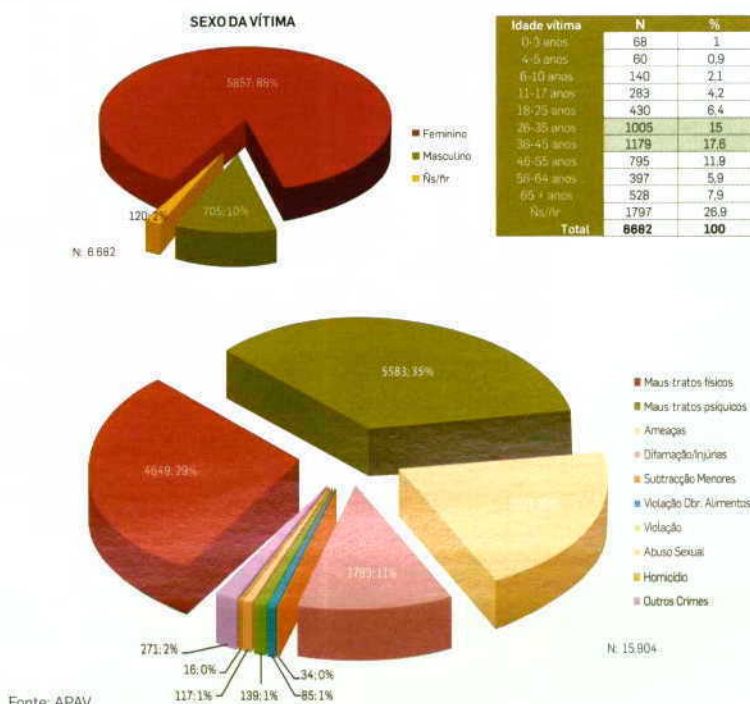
«É possível restaurar uma relação quando ambos quiserem continuar a relação e quando a vítima não se sentir intimidada pelo parceiro para poder participar activamente na terapia de casal. Ou seja, quando não houver nenhuma violência ou ameaça actual de violência e nenhum perigo para a vítima», frisam.

A história de vida do João, trinta e oito anos, arquitecto, e da Maria, trinta e dois, desempregada, é um caso onde a intervenção foi bem su-

cedida. Um episódio de violência física desencadeou uma decisão judicial que os conduziu ao processo de terapia familiar. João, numa primeira fase, dizia que «aquele dia» não voltaria a acontecer. Mariana Galésio, educadora social e terapeuta familiar no Chão dos Meninos, revela que no discurso deste homem se percebia culpa, mas também uma necessidade de desvalorizar o que parecia ser um episódio isolado.

O casal tinha catorze anos de relação e o desejo de a manter. «O processo de terapia, construído com o casal, teve na sua base esta decisão de manterem a relação e a sua disponibilidade para a mudança. De facto, João e Maria assumiram consi-

CRIMES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA



go mesmos e com os terapeutas um compromisso para a mudança, para a construção de um novo padrão de relação», conta a terapeuta familiar.

O João e a Maria descobriram que, afinal, a violência não tinha sido apenas «aquele dia». Ao olharem para trás, perceberam que tinham deixado de comunicar e de cuidar um do outro. As acusações mútuas sobre as falhas e erros de cada um enviesaram o sentido da relação, as fragilidades originavam discussões. Os dois filhos que nasceram da relação ocuparam um espaço que deixou de ser apenas do casal. A rotina fez cair no esquecimento a intimidade. A infidelidade de João originara a discussão «daquele dia».

O processo de violência começara muito antes «daquele dia». «João desvalorizava já há algum tempo o papel de Maria como mãe e como profissional. Maria, fragilizada pelo desemprego, dependente economicamente do marido, deixou de acreditar em si mesma, e a pouco e pouco passou a acreditar que não sabia ser mãe, nem mulher. Gradualmente construiu-se uma relação de poder assimétrica. João assumia o papel de pai, de profissional bem sucedido, cuja mulher se constituía como mais um peso, ao invés da companheira que esperava. No processo de terapia (re)descobriram o casal e o seu espaço, a comunicação e a relação», sublinha Mariana Galésio.

É porque também existem histórias com final feliz que as terapeu-

tas Dora Pereira e Elsa Machado deixam um alerta às famílias: «Que procurem ajuda especializada e não fiquem à espera que as coisas melhorem por si só. Que a procurem cedo, aos primeiros sinais de que algo não vai bem, e não apenas quando a situação for tão grave que possa ser tarde demais para evitar consequências irreversíveis.» Porém, nem sempre é possível ter um final igual ao da história de João e Maria. «Quando a violência é contínua ou severa, a terapia de casal não é indicada», referem. Nestes casos, acrescentam as técnicas, existem outras formas de intervenção com agressores: «Programas específicos para agressores conjugais, acompanhamento psicológico; os agressores com problemas psiquiátricos associados requerem uma intervenção articulada com os serviços de saúde mental; os agressores com problemas associados ao alcoolismo ou toxicodependência requerem uma intervenção ao nível do autocontrole mas também um acompanhamento médico especializado em termos dos comportamentos aditivos.»

Maria Rodrigues Vacas lembra a importância de as pessoas recusarem ser vítimas, «interiorizando a negação da violência como modo de vida e paradigma da relação; fazendo frente ao medo; sabendo escolher o caminho da dignidade face à ambiguidade dos seus sentimentos e de complexas dependências». A responsável da APAV avisa: «Não deixem que o silêncio seja um segundo inimigo.» ■

Famosos unidos contra crimes

Em Dia Mundial da Vítima de Crime, Ricardo Pereira e Sílvia Rizzo entre outras figuras públicas, juntaram-se à campanha de sensibilização da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). No Saldanha e Rua Augusta distribuíram panfletos com informações e conselhos sobre assaltos.



"Precious" nos cinemas apoia a Associação Portuguesa de Apoio à Vitima

O dia 11 de Fevereiro foi a data escolhida para a estreia do filme "Precious", de Lee Daniels, nos cinemas lusos.

Nomeado para vários Óscares da Academia, este filme retrata a história de uma problemática jovem do Bronx.

Com excelentes interpretações, a atriz Mo'Nique viu o seu trabalho reconhecido ao vencer o Globo de Ouro, para Melhor Actriz Secundária, onde encarnou a mãe da personagem principal.

O filme conta-nos a história da jovem Claireece "Precious" Jones (Gabourey Sidibe), e da sua família disfuncional:



a sua mãe, Mary, que abusa física, psicológica e sexualmente da filha, e o seu pai, com quem tem dois filhos.

Com iniciativa da Valentim de Carvalho, este filme apoia a Associação Portuguesa de Apoio à Vitima, que celebra 20 anos de actividade neste ano de 2010.

BREVES NACIONAIS



MADJER

NA MODA LISBOA

O jogador português de futebol de praia vai desfilar Nuno Gama na próxima edição da Moda Lisboa. **Depois de inúmeras vezes ser considerado pela FIFA o melhor jogador de futebol de praia do Mundo, Madjer vai aceitar um novo desafio.**

FAMOSOS ALERTAM CUIDADO NA RUA



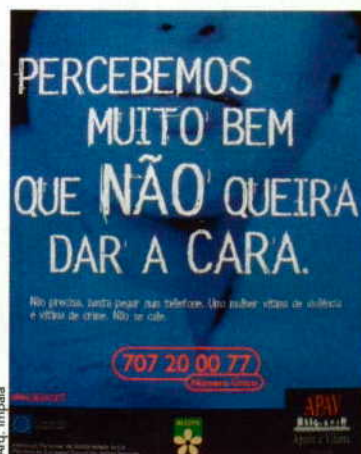
No dia em que se assinalou o Dia Europeu da Vítima de Crime, figuras públicas como Vanessa Oliveira e Ana Rita Clara estiveram em Lisboa (Atrium Saldanha e Rua Augusta). **O objectivo da iniciativa promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima passou por informar e alertar os transeuntes sobre normas básicas de segurança.**

NÚRIA MADRUGA CASA-SE EM SETEMBRO

Dez meses de namoro foram suficientes para que Núria e Vasco Silva percebecem que querem ficar juntos para sempre. O produtor surpreendeu a namorada com um pedido de casamento tradicional, com direito a anel de noivado e tudo. A **Camila de Meu Amor ficou "nas nuvens, radiante e muito, muitíssimo feliz"**. O casamento deverá acontecer em Setembro, e Dália Madruga, a irmã da estrela da TVI, já está "convocada" para madrinha da boda.

Entretanto, no passado sábado, na noite em que lançou o seu novo single, I'm Back Again, o DJ Pete tha Zouk não se inibiu de falar sobre o casamento da ex-namorada, a quem desejou **"as maiores felicidades"**: **"Somos amigos e é claro que fiquei muito contente por saber que a Núria ia casar."**



**D**IA DA MULHER**CONTRA A VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

O Gabinete do Parlamento Europeu em Portugal vai promover um almoço-debate sexta-feira, dia 5, às 12h30, a propósito do Dia da Mulher.

Sob o tema "A violência doméstica contra a mulher", o encontro contará com a presença de eurodeputadas – Marisa Matias (BE), Edite Estrela (PS) e Ana Gomes (PS) estavam confirmadas até ao fecho desta edição – e de representantes de Associações dedicadas ao tema (APAV, PpDM, UMAR e Associação das Mulheres contra a Violência). A secretária de Estado da Igualdade, Elza Pais, também deverá marcar presença neste evento, que pretende alertar para o problema da violência doméstica.



FAMOSOS ALERTAM CUIDADO NA RUA

No dia em que se assinalou o Dia Europeu da Vítima de Crime, figuras públicas como Vanessa Oliveira e Ana Rita Clara estiveram em Lisboa (Atrium Saldanha e Rua Augusta). O objectivo da iniciativa promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima passou por informar e alertar os transeuntes sobre normas básicas de segurança.



Cinema: APAV “As Maltratadas” para assinalar 20 anos da APAV

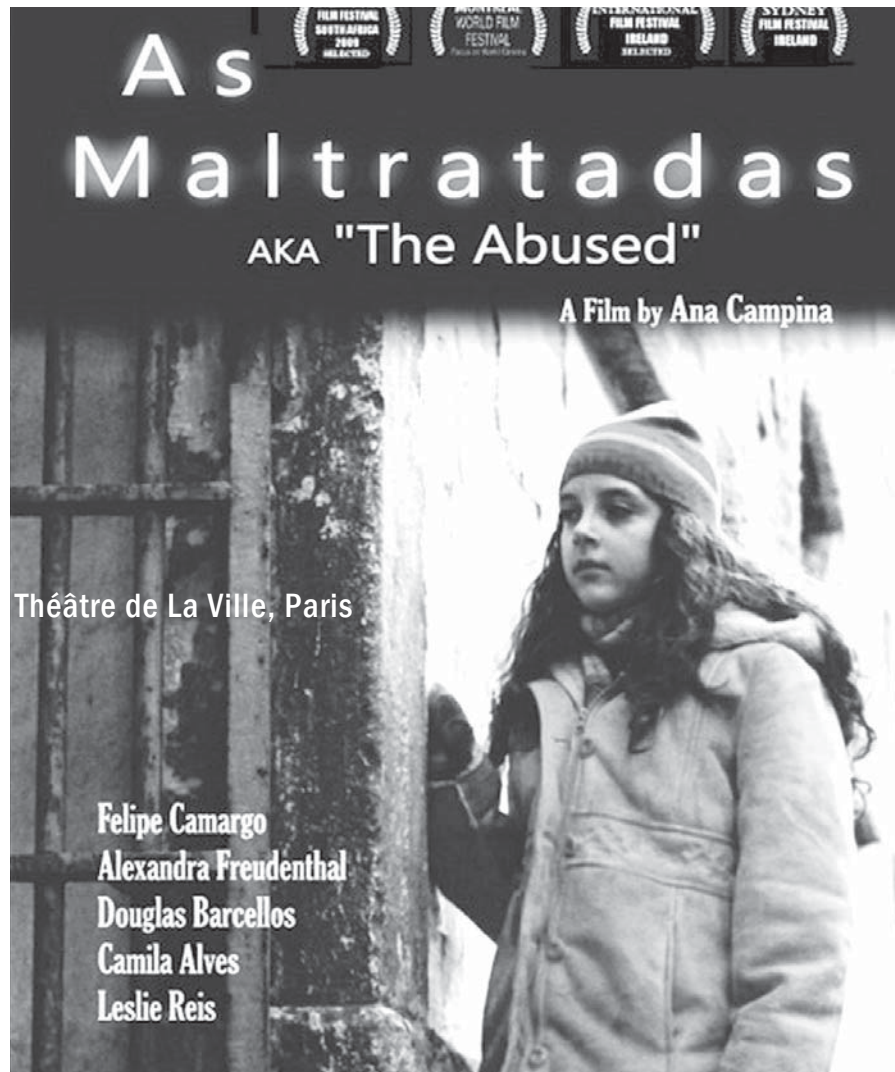
A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e a Zon Lusomundo apresentam dia 09, no Cinema S. Jorge, Lisboa, a curta-metragem “As Maltratadas”, informou ontem a APAV.

Após “As Maltratadas” será exibido o filme de Stieg Larsson “Millennium 2”, iniciativa inserida nas comemorações do 20.º aniversário da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. O mesmo acontecerá quando este filme estreiar nas salas, a 25 de março.

“AS Maltratadas”, da realizadora portuguesa Ana Campina, venceu o prémio de Melhor Curta-Metragem no Hollywood Brazilian Film Festival, realizado no Estados Unidos da América, em fevereiro.

Este certame visa divulgar em Hollywood filmes luso-brasileiros.

Em 2009, o filme já participou na seleção oficial dos festivais internacionais de cinema



de Montreal, Irlanda e São Paulo.

Realizado e produzido por Ana Campina,

“As Maltratadas” conta com um elenco onde pontuam nomes como os de Felipe Camargo,

Alexandra Freudenthal, Camila Alves, Leslie Reis e Paulo Rocha.

 acordo ortográfico



TRÁFICO HUMANO DEBATIDO EM OLHÃO



Na sexta-feira, a Biblioteca de Olhão acolheu a sessão de sensibilização «Migrações - Oportunidades e Respostas de Inserção», que contou com as oradoras Rita Bessa e Júlia Cardoso, do projecto SUL, da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

“Temos de continuar a apostar na prevenção, não só nos países de destino, mas também nos de origem”, afirmou Rita Bessa, referindo-se às vítimas de tráfico.

Para aquelas responsáveis, “muitas vezes, as vítimas não conhecem os seus direitos, daí a importância de as informar que podem ter acompanhamento psicológico, social, médico e de acolhimento”. “Estas pessoas têm o direito a estar em segurança e existe uma casa para vítimas de tráfico em Portugal, onde trabalham técnicos especializados nesta área”, sublinharam.

**Dia Europeu da Vítima de Crime**

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, celebrou a 22 de Fevereiro, o Dia Europeu da Vítima de Crime. Este Dia foi instituído pelo fórum europeu, que reúne serviços de apoio à vítima nacionais de mais de 21 países europeus, o actual Victim Support Europe, para recordar os direitos de quem é vítima de crime.

factos portugal

BULLYING CONTINUA A FAZER VÍTIMAS EM PORTUGAL

Vigilância nas escolas tem de ser reforçada

Psicólogas da APAV e do Portal Bullying dizem o que faz falta para combater a violência continuada entre crianças

■ TEXTO ■ JOÃO NASCIMENTO
joao.c.nascimento@24horas.com.pt

Os profissionais de educação devem estar "mais atentos ao que se passa na escola, no recreio, e os pais, aos sinais transmitidos pelas crianças que são vítimas de violência continuada".

Quem o defende é Marlene Fonseca, psicóloga e responsável da Associação de Apoio à Vítima (APAV), na opinião de quem é impossível acabar com o fenómeno do bullying nas escolas portuguesas se não existir uma acção concertada nesse sentido.

"As escolas precisam de apostar na prevenção, dotando o pessoal, nomeadamente os auxilia-

res, da formação necessária a distinguir o bullying (agressões continuadas praticadas entre colegas) de uma briga normal", salienta Marlene Fonseca.

Entre os sinais a que os pais

devem estar atentos destacam-se as mudanças súbitas de comportamento, tais como "deixar de ter interesse pelas aulas, recusar-se a ir para a escola ou afastar-se do contacto com os cole-

Reconheça o agressor

Numa situação de bullying, o agressor é dotado de autoconfiança e apresenta um comportamento violento. Revela-se activo, embora não seja cooperante. É arrogante, conflituoso e impulsivo. Necessita de sentir-se com poder, gosta do controlo que tem sobre os outros e adora ganhar. Utiliza a agressão como forma de domínio, que acaba por ser um reforço à sua auto-estima. O indivíduo que se inclui neste grupo tem falta de empatia e competência para resolver problemas, ainda que seja socialmente bem enquadrado. Faz-se quase sempre acompanhar por um pequeno grupo e, na maioria dos casos, tem alguma popularidade. Aos olhos dos outros são como uma espécie de ídolo ou alguém que todos temem e que não se atrevem a fazer frente. Em termos físicos costuma ser alto e forte.

gas", salienta a responsável.

A necessidade de uma maior vigilância do espaço escolar, especialmente dos recreios, "com os seus esconderijos e sítios recônditos" é também defendida por Tânia Paias, também ela psicóloga, e criadora do Portal Bullying (portalbullying.com.pt).

"Lançámos o portal no final de Janeiro e já recebemos mais de 160 contactos, entre alunos, pais e professores, interessados em obter ajuda para lidar com o problema da violência entre colegas", salientou a responsável ao 24horas.

Matar-se aos 12 anos

"Muitos adolescentes aproveitam o nosso chat para contar que são vítimas de violência na escola e pe-





A escola tem-se recusado a prestar esclarecimentos

Buscas sem resultados

Após três dias de buscas, o corpo de Leandro Pires continua desaparecido nas águas do rio Tua. Mais de uma centena de pessoas, entre militares da GNR, bombeiros e membros da Protecção Civil, tentam encontrar o menino que se atirou ao rio na terça-feira. As buscas continuarão nos próximos dias, embora condicionadas pelo estado de tempo. "Só com um milagre" o corpo pode aparecer, diz ao 24horas José Silvano, presidente da Câmara e responsável da Protecção Civil



local. "É cada vez mais difícil, dado o agravamento das condições atmosféricas e da forte corrente", explica. Nos últimos dias as buscas estenderam-se até à foz do Tua, já no conselho de Carrazeda de Ansiães, e foram sempre suspensas ao pôr do sol. Ontem houve o reforço de um helicóptero, durante a tarde, mas sem que houvesse qualquer sinal do corpo do menino de 12 anos.

dir ajuda. O que fazemos é aconselhá-los e encaminhá-los para as entidades competentes, sempre que necessário", explicou Tânia Paiais.

O bullying volta a marcar a actualidade com a morte do pequeno Leandro Pires, de 12 anos, que, terça-feira, se lançou às águas do rio Tua, em Mirandela, num acto suicida por ter sido alvo de violência continuada, por colegas, na Escola Básica 2/3 Luciano Cordeiro. Uma situação, para a qual o estabelecimento ainda não apresentou qualquer esclarecimento.

Só em 2007/2008, último período de que há dados oficiais sobre a violência nas escolas, foram registadas 6039 ocorrências, entre elas um número indeterminado de casos de bullying, uma vez que o Ministério da Educação não discrimina estes casos nas suas contas. ▀

SÓ O CDS-PP DEFENDE REGRAS MAIS DURAS PARA MENORES Partidos não vão mexer na lei

Criar legislação que considere a prática de bullying um crime público é para os partidos parlamentares uma atitude facilitista e enganadora. "Para humilhações e empurrões já existem mecanismos legais, não é por se escrever um nome novo no código que vai ficar tudo bem", diz Ana Drago, deputada do BE. Mais do que uma nova lei, para o PSD, na voz de Emídio Guerreiro, "é preciso criar um alerta e mudar-se a mentalidade no seio da comunidade escolar", de modo a que os que praticam sejam sancionados e seja dado conforto às vítimas.

Também para o PCP "não é pela via da repressão" que se conseguirá acabar com o bullying nas escolas. "O que é preciso são mais auxiliares e mais condições de convívio. Mais desporto e actividades são essenciais ao bem-estar das crianças. O apoio de psicólogos é também fundamental", defende o deputado comunista Miguel Tiago. Só o CDS-PP defende mudanças na lei. "É preciso debater a possibilidade de os menores poderem ser responsabilizados judicialmente pelos seus actos", salientou Teresa Caeiro.



Meios instalados nas margens do Tua para buscas de Leandro

Mulheres ainda são as maiores vítimas

Violência doméstica mata mais do que o cancro entre as mulheres dos 16 aos 44 anos, segundo o Conselho da Europa

Andrea Trindade

■ Hoje é o Dia Internacional da Mulher. A data foi adoptada pelas Nações Unidas em 1975 e serve para lembrar as conquistas sociais, políticas e económicas das mulheres, por um lado, e para frisar as discriminações e a violência a que muitas continuam a ser sujeitas pelo mundo fora. A comemoração nasce das manifestações femininas por melhores condições de trabalho e por direito de voto, no início do século XX, na Europa e nos Estados Unidos. Um longo caminho foi percorrido, mas muito há ainda por fazer, por exemplo na igualdade de oportunidades entre homens e mulheres. A violência é outro assunto, infelizmente, recorrente neste dia. De acordo com um relatório da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre violência e saúde de 2002, «uma das formas mais comuns de violência contra as mulheres é a perpetrada por um marido ou um parceiro íntimo masculino». E segundo o Conselho da Europa, a violência contra as mulheres no espaço doméstico é a maior causa de morte e invalidez entre mulheres dos 16 aos 44 anos, ultrapassando o cancro, os acidentes de viação e até a guerra».

As mulheres são as maiores vítimas da violência doméstica, que acontece em todos os sectores da sociedade, sem distinção de classe social ou económica. Mais de 90 por cento das queixas apresentadas na Associação de Apoio à Vítima (APAV) são de mulheres, em 2009 a associação assinalou 6.539 mulheres vítimas de crime, cerca de 127 por semana, uma média de 18 por dia.



D.R.

A PRODUTIVIDADE das empresas também é afectada pelo fenómeno

No ano passado, só até Novembro, 26 mulheres tinham falecido vítima de violência doméstica. Os estudos sobre os custos económicos e sociais acrescentam a grande vulnerabilidade a que estas mulheres estão expostas: apresentam uma probabilidade três a oito vezes superior de terem filhos doentes, de não conseguirem emprego e de, se empregadas, não obterem promoção profissional; recorrem mais a serviços de saúde, nomeadamente a consultas de psiquiatras, consomem mais medicamentos anti-depressivos e têm um maior risco de suicídio.

O papel das empresas

Pelas custos a vários níveis e pela sua complexidade, a violência doméstica exige uma luta com empenho e colaboração de todos, Governo, instituições, sociedade

em geral. As próprias empresas têm um papel a desempenhar, como refere João Redondo, coordenador do Serviço de Violência Familiar do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Coimbra, que se juntou ao Governo Civil de Coimbra e às associações empresariais do distrito para criar o Fórum “Empresas contra a violência doméstica”.

Apresentado sexta-feira, na sede da Associação Comercial e Industrial de Coimbra (ACIC), o fórum terá ainda este mês o seu primeiro evento – para o qual é esperada a secretária de Estado para a Igualdade – e apresentará depois o calendário de actividades até ao final do ano, informação e sensibilização para empresas, autarquias, sindicatos e demais entidades do mundo laboral. O objectivo é que estejam atentas a sinais de violência doméstica nos

seus colaboradores, que os possam sinalizar, ajudar a diagnosticar e, finalmente, contribuir para a sua resolução (facilitando a ida a consultas, por exemplo), explicou na sessão o governador civil, Henrique Fernandes.

A produtividade e a competitividade da empresa são afectadas negativamente pela violência doméstica sobre as mulheres, a começar pelo absentismo laboral que provocam. Por razões emocionais, há uma maior probabilidade das mulheres vítimas fazerem menos do que pretendiam, de não virem a desenvolver as actividades tão cuidadosamente como desenvolviam ou a despendem menos tempo a trabalhar ou a realizar outras tarefas, referiu o psiquiatra João Redondo, baseando-se num estudo efectuado por Manuel Lisboa em 2002. |



Mulheres vítimas de violência enfrentam obstáculos da justiça

Amnistia lança relatórios que revelam discriminação de género

"Mãe quando é que deixas o pai? Estou farta que ele te bata." O início do trailer do filme "As Maltratadas" deixa adivinhar a história: fala sobre violência doméstica e tráfico de seres humanos. A antestreia acontece hoje às 21h30, no Cinema São Jorge, para marcar o Dia Internacional da Mulher e os 20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV). A realizadora brasileira Ana Campina viu o filme ser premiado, na categoria de curta-metragem no Hollywood Brazilian Film Festival, em Los Angeles. O filme, que conta com um elenco de três países diferentes – Portugal, Brasil e EUA –, chega aos cinemas a 25 de Março.

Hoje, data em que se assinala o Dia Internacional da Mulher, a Amnistia Internacional dá a conhecer uma realidade que vai além da tela. Os dois relatórios, da Amnistia demonstram que

"as vítimas de violação sexual e violência doméstica que procuram justiça, enfrentam vários obstáculos, incluindo resposta inadequada ou negativa por parte da polícia e do pessoal médico e judicial". Revelam-se em discriminação de género e suposições sobre o comportamento sexual das vítimas de violação.

"A menos que a violência sexual seja acompanhada de violência física, simplesmente, não é levada a sério", afirma Widney Brown, director sénior de política e do direito internacional da Amnistia Internacional.

Esta indiferença das autoridades leva a que muitas mulheres sintam vergonha ou culpa e não denunciem os crimes de que foram vítimas.

Os relatórios, que tiveram em conta países desenvolvidos (como os nórdicos) e outros em desenvolvimento, como por exemplo o Camboja, constatarem que as taxas de acusação nos crimes de violação sexual estão entre as mais baixas.

Em Portugal, houve 6539 mulheres vítimas de crime, no ano passado, segundo dados da APAV. *Sónia Cerdeira*



Documento

8 DE MARÇO
Dia da Mulher

AS VÍTIMAS do amor

Cada vez mais **MAUS TRATOS**,
cada vez mais **HOMICÍDIOS**,
cada vez mais **CRIMES** contra
as pessoas. Histórias de quem foi
vítima de um agressor doméstico.

Documento

VIOLÊNCIA PIOROU

- **6539** mulheres afectadas por crime
- Média – **18** por dia
- Idades – maioria – **26 a 45** anos
- Dentro da violência doméstica – tipo mais frequente – maus tratos psíquicos – **5583**
- Situações **35,1%** do total
- Processos de apoio levados a cabo pela APAV – **10 132**
- Aumento em relação a 2008 – **1,3%**
- Pessoas ajudadas – **20 000**
- Total de crimes – **17 628**
- Violência doméstica – **90%**
- Homicídios – mais **128,5%** que em 2008
- Violações – mais **5,3%**
- Abuso sexual – mais **3,5%**

Fonte: APAV

10/10/NG – Infografia Impala/Mónica Santos



O atacante volta sempre a bater, ao longo dos anos. E persegue a vítima durante a sua vida, mesmo quando ela já saiu de casa e está a ser ajudada pelas autoridades.

“Batia-me à noite, procurava sempre confusão, a partir do nada. Eu chorava e ele tapava-me a boca com uma almofada, por causa dos vizinhos.” Foi assim durante anos para Ana, 32 anos, empregada de limpeza. “Vivia perturbada.” Por isso, muitas foram as suas queixas à Polícia. E outras tantas as vezes que perdoou ao agressor. Ela estrangeira, ele português, a sua

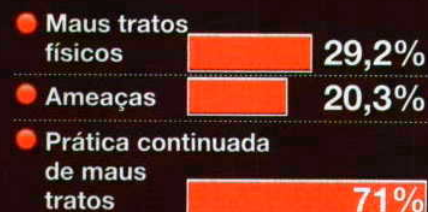
cara-metade tudo fazia para ameaçá-la e tê-la na mão. “Dizia que me tirava a bebé, arranjava sempre uma maneira de me chantagear.” Os documentos da mulher, necessários à sua vida em Portugal, foram escondidos, para que ele pudesse manipulá-la. “Fiz queixa no Ministério Público. Cinco anos depois, não conseguiram resolver e arquivaram.”

Separou-se três vezes, duas pediu ajuda e foi auxiliada, em centros de apoio e abrigo da Cáritas. Mesmo depois de ser acolhida por esta organização, “ele continuava a perturbar-me e perseguir-me. Nomeadamente quando eu estive grávida”. Para fazê-la voltar para ele, prometeu-lhe (mentindo) ajudá-la a regressar ao seu país de origem, junto com a filha ➤

“Eu não prestava”

“Primeiro, enganou-me com muitas mulheres. Não se escondia. Contava aos amigos e a quem lhe apetecia”, descreve Joana, 53 anos, empresária. “Depois, quando eu sabia, negava sempre. Dizia que eu era doente, que devia ir a um psiquiatra. Gabava-se em toda a cidade: assim, eu era vítima pela acção dele e pelos olhares e comentários dos outros. Traía-me com as minhas amigas, com as empregadas da nossa loja. Desrespeitava-me à frente das nossas funcionárias

e dos clientes, de quem lá estivesse. Insultava-me, dizia que eu não prestava para nada. Que quem mandava era ele, que eu não sabia fazer nada. Cada vez que eu dava uma ordem, ele ia atrás e fazia o contrário. E em casa, perante amigos, parentes e as nossas filhas, era o mesmo. Tudo o que eu fizesse estava malfeito.” A história de uma mulher que não era agredida fisicamente, mas foi maltratada – psicologicamente – durante anos e anos.



Queixas na PSP geradas por crimes de violência doméstica – **18 998**



Agressores: homens – entre 35 e 45 anos ou entre 25 e 45 – companheiros da vítima

Habilitações das vítimas e agressores – curso superior ou 9.º ano

Vítima – casada, portuguesa, com filhos

Agressões: sofridas, em 1/3 dos casos, desde há mais de 2 anos

Vítima trabalha – **36%**

Processos

2004	7515
2005	7377
2006	7935
2007	8373
2008	10 001
2009	10 132

Décadas a agredir

71 por cento das situações de abuso são práticas continuadas de maus tratos. “Essa é uma característica da violência doméstica”, enquadra José Félix Duque, da APAV. Ou seja, são actos e atitudes muito repetidos,



não são acontecimentos isolados e pontuais na vida desse casal. É, habitualmente, uma situação que vem detrás. Muitas vezes, nasce logo no período do namoro – na juventude. Acompanha a vida dos dois, continua durante o casamento. “O desfecho, muitas vezes, é o assassinato.” Quando a vítima relata momentos de ameaça por parte do agressor (frases como “vou matar-te”, exibição de armas, etc.), a APAV leva a sério. Porque os números provam que não é brincadeira. A APAV desencadeou 10 132 processos em 2009. Foram denunciados 17 628 crimes. 15 904 são de violência doméstica. Homicídio cresceu 128,5% em 2009, em comparação com o ano anterior.

- O homicídio cresceu 128,5%. Muitas vezes, é o desfecho dos abusos domésticos

Cada vez mais procurados

“Cresce cada vez mais a visibilidade do fenómeno da violência doméstica”, esclarece José Félix Duque. Há, explica, mais consciência dos direitos das vítimas. Estas exigem protecção e defesa. Os serviços da APAV são cada vez mais procurados. “As pessoas têm confiança no nosso apoio, e pedem-no mais.” A APAV não socorre apenas quem é atingido pela violência doméstica, mas todas as vítimas de quaisquer crimes, seus familiares e amigos. E agora, conseguiu aprofundar o seu trabalho na área do homicídio. Em boa altura, dir-se-á, se olharmos para as estatísticas deste tipo de crime (ver gráfico). O assassinio conjugal, define, é a última ruptura, a mais violenta, na conjugalidade. “Significa que não foi possível resolver o problema de outra maneira. É dramático.”

Documento



O futuro é violento

Se os agressores e vítimas têm entre 25 e 45 anos, a violência "não é uma coisa das gerações do passado. É um fenómeno das famílias actuais. Atinge pessoas bastante jovens. Casais que ainda estão a namorar". Os números confirmam-no, e várias vezes por ano lemos notícias que nos alertam para a violência no namoro... "É preciso ter atenção a isto. Tem que ver com a forma como os adultos educam os filhos. Os pais têm de prevenir, desde sempre, estes e outros problemas ligados à violência. Têm de educar para o respeito e o civismo. Dar uma formação pessoal que exclua a agressão como solução para um problema normal do dia-a-dia. Muitos destes jovens agem assim porque não aprenderam outras formas de resolução dos conflitos", aponta José Félix Duque, assessor da APAV.

Crimes de todos os tipos

As estatísticas da APAV e o seu trabalho abrangem todos os tipos de crime. E os crimes contra as pessoas e a Humanidade são 7% dos 17 628 chegados à associação em 2009. Tal como aconteceu em 2008. Aumentaram as situações de rapto, lenocínio, prostituição de menores, imigração ilegal e tráfico de pessoas. Nos crimes envolvendo o património, houve 2,3% de casos.

► mais velha. "Por isso, cedi. E começou tudo de novo."

Desta vez, "felizmente", separou-se de vez – o divórcio corre nos tribunais. Mas ele continua a ameaçá-la. Segue-a até à instituição de acolhimento, até ao trabalho, regista-lhe as horas de entrada e saída. "Foi para o tribunal dizer que eu trabalhava na noite, para poder tirar-me a minha filha." Afirmou que ela o tinha traído. "Arranjou um testemunho de um homem que diz que esteve comigo. E a juíza perguntou: 'Então se ele andou com a sua mulher, como é que é seu amigo?'"

Chegou a tirar-lhe a filha à força, na presença estupefacta de uma técnica da segurança social, e levou-a para a cidade dele. Quase enlouquecida, Ana foi atrás dele... Acabou por conseguir trazer a menina de volta, com a ajuda da Comissão de Protecção de Menores. Protegida pela Cáritas e pela justiça, a história parece relativamente bem encaminhada para ela. Mas este é só um entre muitos milhares de casos – como os denunciados em Fevereiro, mais uma vez, pela APAV (consultar gráfico nestas páginas).

Os maus tratos conjugais são 90 por cento dos crimes registados pela APAV em 2009. As mulheres foram quem mais sofreu, mas também os idosos e as crianças. As queixas na PSP acompanham as estatísticas da APAV. Aumentaram para 18 998, o que representa um crescimento de 7,7 por cento em relação ao ano de 2008. José Félix Duque, da APAV, afirma que, nos anos anteriores, os casos também eram muitos. Mas, em parte, estavam ocultos. ■



ID: 29192657

09-03-2010

ACTRIZ E MODELO NA ANTESTREIA, HOJE, EM LISBOA

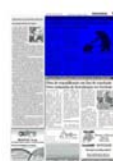
Brasileira Camila Alves protagoniza 'Maltratadas'



JORGE PAULA

Actriz contracenou
com Douglas Barcellos,
que faleceu em Cascais

■ Camila Alves, modelo e atriz brasileira, está em Lisboa para apresentar 'As Maltratadas'. A curta-metragem foi rodada em Cascais em 2008, é realizada pela portuguesa Ana Campina e tem hoje antestreia no Cinema S. Jorge, em Lisboa. O filme, que retrata a violência doméstica e tráfico de mulheres, conta com o apoio da APAV (Associação de Apoio à Vítima) e é protagonizado por Camila, na pele de 'Flávia', uma jovem que rumo a Portugal com o sonho de se tornar modelo e é desviada para a prostituição. "Já passei por algo semelhante no meu primeiro trabalho de modelo, no Chile. Tinha 16 anos, havia assédio e muita droga", lembra a atriz, de 28 anos, que vive em Los Angeles e se prepara para filmar '4-Bidden' com Eric Roberts, irmão de Julia Roberts. Entre outros actores brasileiros, a curta conta com a participação do modelo Douglas Barcellos, que foi encontrado morto em Cascais no final de 2008, em circunstâncias ainda por esclarecer. Este foi o seu último trabalho. 'As Maltratadas' estreia-se nos cinemas com 'Millenium 2' no próximo dia 25. ■ S.C.C.



20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

“As Maltratadas” retrata violência doméstica e o tráfico de seres humanos

POR: LUÍS JOÃO COSTA

É já no próximo dia 25 de Junho que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala o vigésimo ano de existência.

No âmbito das comemorações dos 20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima serão realizadas diversas iniciativas de modo a assinalar este ano especial a nível regional e nacional.

Assim sendo, ontem, estreou, numa parceria da APAV e a Zon Luso-mundo a apresentação do filme “As Maltratadas”, uma curta-metragem realizada por Ana Campina que revela pertinência ao retratar os temas da violência doméstica e do trá-

fico de seres humanos.

É assumido que as mulheres são as vítimas mais vulneráveis, a antestreia do filme decorreu ontem, na sequência do Dia Internacional da Mulher, pelas 21h30, no Cinema São Jorge. Esta antestreia contou com a presença da realizadora e de alguns actores do filme.

O filme chegue às salas de cinemas em estreia a 25 de Março, em complemento à longa-metragem “Millennium 2: A Rapariga que Sonhava com uma Lata de Gasolina e um Fósforo”.

O trailer poderá ser visionado em: <http://www.youtube.com/v/jO-4jGpqBCyg>

Segundo nota de im-



>> **MULHER APAV assinala 20 anos de vida**

prensa da APAV o filme “As Maltratadas” venceu o prémio de Melhor Curta-Metragem no Hollywood Brazilian Film Festival, realizado em Los Angeles, tendo também participado na selecção oficial dos festivais internacionais de ci-

nema de Montreal, Irlanda e São Paulo. Realizado e produzido pela portuguesa Ana Campina, “As Maltratadas” conta com um elenco internacional onde se destacam os actores Felipe Camargo, Alexandra Freudenthal e Camila Alves.

DOAÇÃO DE PRODUTOS A INSTITUIÇÕES**Guta Moura Guedes e Elisabete Jacinto participaram no evento**

Mulheres de Vermelho solidárias com APAV

Guta Moura Guedes, Rosalina Machado, Gilda Paredes Alves, Leila Nyrop, Elisabete Jacinto, Teresa Sturken, Idália Moniz e Clara Currea foram as Mulheres de Vermelho que, no Dia Internacional da Mulher, apadrinharam a doação de pro-

ductos, por parte da Peres&Partners e das empresas vencedoras da distinção Produto do Ano 2010, a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e das instituições da rede social da Câmara Municipal de Lisboa.



ID: 29219068

10-03-2010

Apoio às vítimas de tráfico discutido em Olhão

A Biblioteca Municipal de Olhão acolheu recentemente uma sessão de sensibilização subordinada ao tema «Migrações - Oportunidades e Respostas de Inserção», que contou com as oradoras Rita Bessa e Júlia Cardoso.

“Temos que continuar a apostar na prevenção, não só nos países de destino mas também nos de origem”, acentuou Rita Bessa, gestora do projecto SUL, da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), referindo-se às vítimas de tráfico e exemplificando, tal como a técnica Júlia Cardoso, casos concretos que têm surgido na instituição.

Para aquelas responsáveis, citadas em comunicado pela autarquia olhanense, não se pode esperar que as pessoas vítimas de tráfico apresentem

confiança imediata nos técnicos ou nas polícias, ou que estejam dispostas a falar contra os seus traficantes até que estejam seguras, assim como as suas famílias.

“São pessoas extremamente fragilizadas, não têm suporte familiar, amigos”, disse Rita Bessa, que referiu alguns mitos relacionados com o tráfico de seres humanos: “que só acontece a pessoas com pouco dinheiro, a ingénuos ou que os imigrantes vêm roubar os nossos empregos”. A verdade dos factos é que “não há perfil de vítima, acontece em todas as idades”, garantem.

Durante a acção de sensibilização, foram também revelados alguns indicadores que podem levar a perceber que estamos perante uma vítima de tráfico: quando a pessoa não tem controlo dos seus



documentos; se foi recrutada para fazer um tipo de trabalho e é forçada a fazer outro; se lhe está a ser retirada uma parte do ordenado; se é forçada a práticas sexuais contra a sua vontade ou não tem liberdade de movimentos.

As respostas para estas situações existem, segundo a mensagem que as técnicas do projecto SUL quiseram passar na tarde que partilharam com o público na Biblioteca Municipal de Olhão.

O projecto SUL é uma unidade de apoio à vítima imigrante da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que tem como missão proteger e apoiar imigrantes vítimas de crime e vítimas de violência de género. Com sede em Tavira, pode ser contactada pelo telefone 281325763 ou pelo endereço sul@apav.pt.



ID: 29230866

11-03-2010

Atacava desde os tempos de estudante

Como o violador de Telheiras escolhia as vítimas

Mulheres mais jovens, algumas menores. Seguia-as durante algum tempo e atacava à entrada dos prédios onde residiam. Lá dentro, a disciplina impunha-lhe rapidez.

Henrique, 30 anos, é um demónio com rosto de anjo. Este engenheiro de telecomunicações vivia uma vida dupla. O vizinho pacato e simpático do bairro de Massamá transformava-se num predador sexual metódico e frio que desenvolvia rotinas para esconder a rotina...

A companheira dos últimos 9 anos, com quem partilhava casa há três, não desconfiava das idas ao ginásio, que oferecia uma "janela" de algumas horas para Henrique se dedicar à pulsão que não controlava. Noite após noite vagueava de carro por Lisboa, sobretudo em Telheiras, concentrando os ataques numa zona urbana com prédios novos cujas entradas ofereciam uma maior facilidade para passar despercebido e boa acessibilidade.

O engenheiro estacionava o carro e saía a pé à 'caça' da próxima vítima. Deambulava por estacionamento e paragens de autocarro. Passeava como se sempre ali tivesse morado. As suas preferidas eram raparigas jovens, algumas menores, aspecto frágil, aparentemente incapazes de oferecerem muita resistência a um atacante de alta estatura empunhando uma faca. Muitas vezes, uma contrariedade, uma amiga que se aproximava dos alvos, um desvio antes de ir para casa, enfim, pequenos sinais que pareciam desaconselhar o ataque e que Henrique tomava como avisos prudentes. E esse cuidado metódico assegurou-lhe a impunidade por ali durante, pelo menos, dois anos. Nunca foi apanhado, não tinha cadastro e as autoridades não

tinham com que comparar os vestígios biológicos recolhidos nos locais e nas próprias vítimas.

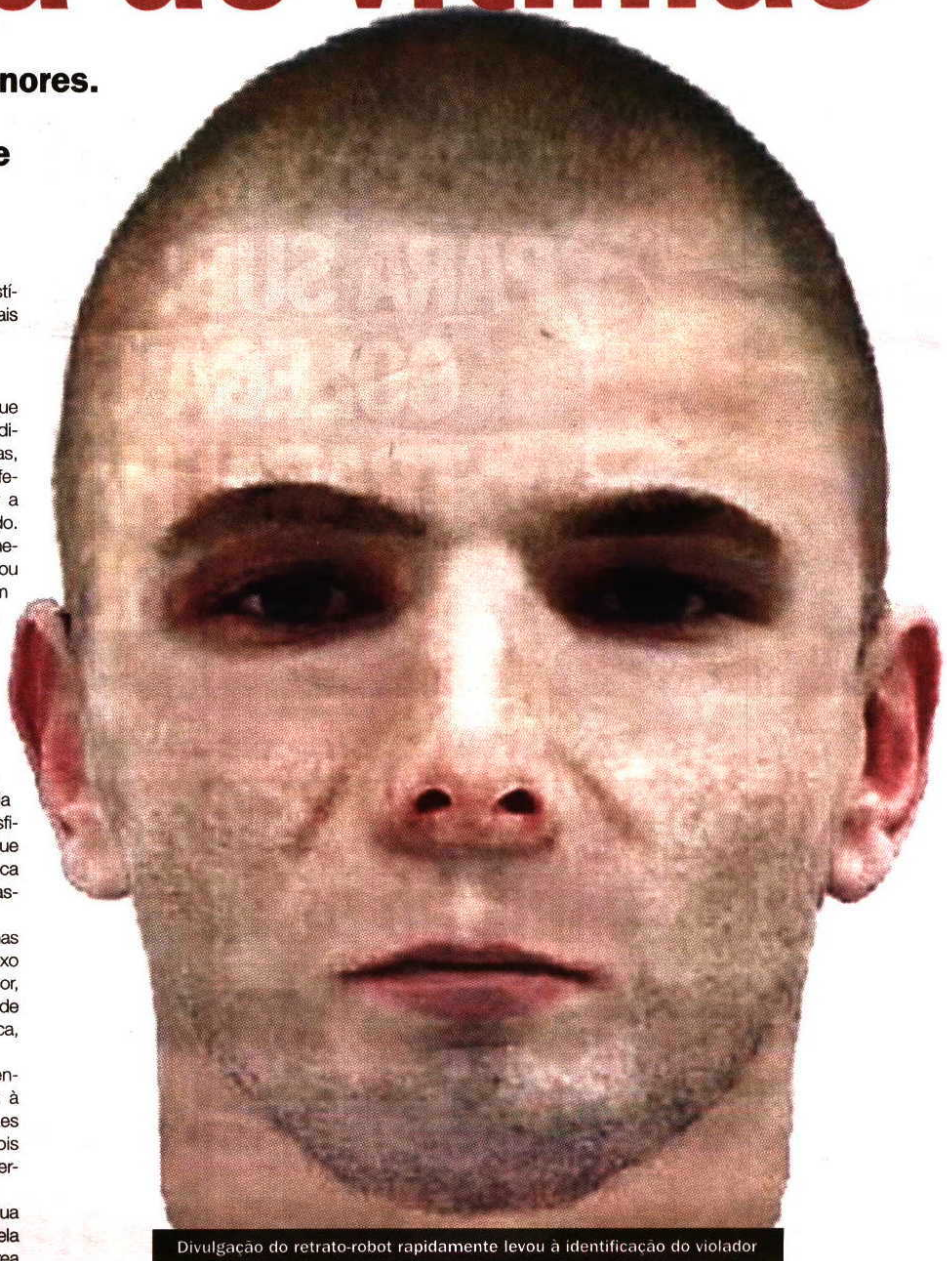
Prédios escolhidos

Seguindo de perto a vítima Henrique preferia atacar as que viviam em edifícios com escadas menos expostas, ou seja, cujo desenho estrutural oferecesse possibilidade de arrastar a vítima para um canto mais recolhido. Antes, aproximara-se da vítima, metia conversa à entrada do prédio ou fingia que era uma visita de algum inquilino. Conforme confessou no primeiro interrogatório de que foi alvo por parte dos inspetores da Polícia Judiciária, nunca optava pela abordagem repentina, preferindo uma aproximação sociável, metendo conversa com as jovens e aproveitando para entrar no prédio. Depois de quebrada a primeira barreira, Henrique transfigurava-se no predador sexual que aterrorizou o bairro. De arma branca na mão, tornava-se agressivo e passava ao ataque.

Na maioria dos casos, as vítimas foram obrigadas à prática de sexo oral ou a masturbarem o seu agressor, sempre no interior dos prédios onde residiam, à exceção de uma única, abordada em plena via pública.

Esta era a rotina semanal do engenheiro, todas as terças-feiras à tarde. Tê-lo-á feito muito mais vezes do que as registadas na polícia, pois há vítimas que preferem evitar a vergonha e não participar o caso.

Se nos últimos dois anos, a sua actividade ficou mais conhecida pela intensificação dos ataques na área



Divulgação do retrato-robot rapidamente levou à identificação do violador



O engenheiro de telecomunicações actuava preferencialmente na zona do Parque dos Príncipes, Telheiras



'Predador sexual' atacava, de cara destapada e faca na mão

Número de casos aumenta

No ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima registou um aumento de denúncias no que toca a situações de violação e abuso sexual, face ao ano transacto. A instituição recebeu, em 2009, mais 5,3 por cento de queixas relativas a violações e 3,5 por cento a casos de abuso sexual, em comparação com os números registados em 2008.

metropolitana de Lisboa, o facto é que, segundo terá confessado às autoridades, há cerca de dez anos que atacava jovens, desde os tempos em que tirava a licenciatura no Instituto Superior Técnico, em Lisboa. Nunca foi apanhado, o que constitui, por um lado, uma assustadora impunidade, por outro levanta interrogações em relação aos meios e capacidades policiais para deter e identificar este tipo de criminosos. Neste caso, o engenheiro terá sido identificado a partir de uma denúncia anónima.

Bairro em pânico

Desde que, no final do ano passado, as suas investidas foram tornadas públicas pelas autoridades, o violador de Telheiras abrandou o ritmo dos seus ataques. As moradoras do bairro evitavam andar sós na rua, os olhares em relação a estranhos eram mais atentos, os cuidados re-

dobrados nas entradas dos prédios. Henrique sentia-se mais vigiado. Numa primeira fase começou por alterar os seus circuitos, atacando noutras zonas da área metropolitana de Lisboa, como Alfragide, Linda-a-Velha, ou Oeiras, zonas onde considerava ser impossível cruzar-se com alguma das anteriores vítimas.

Nos últimos tempos, perante a divulgação, pela PJ, de um retrato-robô, optara mesmo por deixar crescer a barba, tentando evitar ser reconhecido. Porém, uma chamada telefónica anónima denunciou-o à PJ. Funcionário da ZON TV Cabo, na sede da empresa, Rua da Beneficência, na zona do Rego, em Lisboa, foi lá que a PJ o foi buscar. Nas buscas domiciliárias efectuadas a seguir, as autoridades encontraram, não só a faca com que ameaçava as suas vítimas, como também alguns objectos, como telemóveis e leitores

de música que lhes furtava.

O engenheiro terá relatado cerca de 40 ataques a mulheres. Porém, devido ao escasso número de queixas apresentadas pelas vítimas, está, para já, apenas indiciado pela prática de 8 crimes de abuso sexual, sendo que, destes, apenas seis terão sido consumados.

Após a detenção de Henrique, a companheira abandonou o apartamento que partilhavam e a família mais próxima, residente em Mértola recusou-se a acreditar no envolvimento de Henrique, tendo o patriarca viajado até Lisboa para acompanhar de perto a situação do filho.

O suspeito, actualmente em prisão preventiva, incorre numa pena máxima de 10 anos de cadeia. Para já está na "solitária", na PJ de Lisboa, a salvo da fúria dos colegas de cárcere, habitualmente pouco complacentes com violadores.

Continua um à solta!

Procurado desde 2008, a 'caça' ao violador de Telheiras intensificou-se em Dezembro último, depois de na última semana de 2009, em Benfica, se registar um preocupante número de violações a mulheres, moradoras e trabalhadoras na zona, facto que levou as autoridades a suspeitar que o violador de Telheiras actuasse também neste bairro lisboeta.

Relatos de mulheres violentadas dentro das suas próprias casas, mas também outras, perseguidas até um beco na Rua Cláudio Nunes, Benfica, fizeram soar o alarme, até que um suspeito foi capturado.

De nacionalidade guineense, o homem marcava encontros com prostitutas locais pelo telefone, mas quando chegava aos apartamentos destas, violentava-as e fugia sem pagar o serviço. No decorrer da investigação, as autoridades perceberam que este não era o mesmo homem que perseguia as mulheres desde a paragem de autocarro em frente à Igreja de Benfica, Lisboa, e muito menos o que atacava em Telheiras, agora detido. Ou seja, capturado o engenheiro violador, por estes dias continua à solta um outro predador sexual em Lisboa.

Falso suspeito

No ano passado, a Polícia Judiciária chegara a interceptar e a identificar um homem a quem foram atribuídas atitudes suspeitas nas arcadas de prédios de Telheiras. Porém, depois de interrogado, o suspeito acabou devolvido à liberdade.

Escândalo no IML

Em consequência dos ataques do violador de Telheiras, um caso insólito tornou assolou o país em Agosto do ano passado quando, uma rapariga de 17 anos, vítima do 'predador' ocorreu ao Hospital Amadora-Sintra após ter sido abusada.

À chegada à unidade hospitalar, à menor foi dito que não existia qualquer técnico do Instituto de Medicina Legal de serviço que lhe pudesse efectuar as devidas perícias médicas, motivo pelo qual teria de aguardar até ao princípio da manhã seguinte, praticamente 12 horas, sem realizar qualquer higiene pessoal, nomeadamente tomar banho ou sequer lavar os dentes, para que os vestígios não desaparecessem...

O 'monstro' de Santa Comba Dão

Joana Oliveira, Mariana Lourenço e Isabel Cristina eram jovens, estudantes (à excepção da última), todas elas residentes em Cabecinha de Rei, nos limites de Santa Comba Dão, em residências próximas umas das outras.

Entre os meses de Maio de 2005 e 2006, foram dadas como desaparecidas, iniciando-se a investigação ao que tudo indicava tratar-se de um caso de homicídios em série. Os ataques também tinham uma componente sexual.

O primeiro corpo a aparecer foi o de Isabel, localizada na praia do Cabedelo, Figueira da Foz, envolto num saco de serapilheira, com claros sinais de agressão, seguindo-se a descoberta posterior dos outros cadáveres. Ao longo da investigação, as suspeitas foram recaindo em António Costa, cabo reformado da GNR, pelo facto de residir na mesma área geográfica das vítimas e de, a espaços, estar sempre ao corrente do que se passava nas investigações.

António Costa viria a ser detido depois de descoberta a sua ligação aos três casos, sabendo-se que actuara sempre depois de oferecer boleia às jovens no caminho para casa.

Detido a 22 de Junho de 2006, o antigo militar foi condenado em 2007 à pena máxima à luz da legislação portuguesa, 25 anos de prisão, por três crimes de ocultação de cadáver, um de profanação e dois de coacção sexual na forma tentada.

Como são os violadores

De acordo com os estudos, o perfil de um violador, regra geral, aponta para indivíduos na casa dos 30 anos, habitualmente sem qualquer cadastro criminal. No que diz respeito aos casos registados em Portugal, por norma, os agressores não têm grandes habilitações académicas, ao contrário do caso de Telheiras e inserem-se em diferentes estratos sociais.

A fixação pelo sexo oral reflecte, segundo os especialistas, a necessidade de humilhar a vítima.

 UMA HISTÓRIA DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

“MARIA” VIVEU PARA CONTÁ-LA

Maria (nome fictício) é uma entre os muitos milhares de mulheres que na última década foram vítimas de violência por parte do companheiro. Felizmente, Maria viveu para contar a sua história. Com a mesma coragem com que há uma década a denunciou, agora com a serenidade de quem perdoa, mas não esquece. Na era da igualdade, a violência contra as mulheres continua um flagelo que, nas suas palavras, “não acabará enquanto as autoridades estiverem de mãos atadas para actuar e a justiça continuar inoperante”

ALICE MARQUES

É uma história atípica de violência doméstica. Por ter sido um episódio único, e porque o agressor, marido da vítima, só parcialmente se encaixa no perfil: não tinha antecedentes de violência, era um homem respeitado no meio da indústria de moldes, não bebia, era amigo e companheiro, partilhava as tarefas domésticas, mimava os filhos, embora os educasse com autoridade. Em 14 anos de casamento, Maria apenas lhe reconhecia “uma ambição maior do que a capacidade de realização”, o que originou algumas mudanças de emprego, períodos de desemprego, negócios falhados e as consequentes dívidas, insucessos que só nesta fase chegaram ao seu conhecimento.

Mas, um emprego “no meio de muitas mulheres”, conta a protagonista desta história, haveria de mudá-lo. Em breve, “a falta de tempo para estar com a família, a pressa de sair, a pouca atenção dada aos filhos, a ausência do leito conjugal”, se tornam evidências de um caso clássico de infidelidade. A situação arrasta-se três anos. Pressentindo o que se passava, Maria confronta-o. Ele nega. Decidida a fazê-lo dizer a verdade e a encontrar uma solução razoável para um casamento que via desmoronar-se, ela investiga e acaba por, numa noite, “dar um flagrante”. Ainda assim, ele continua a negar. Uma hora depois, quando chega a casa e de novo é confrontado com as evidências, apenas com a tensão esperada nesta situação, Maria impõe-lhe que saia de casa.

Três meses fora não significaram, contudo, uma ruptura. Maria permitiu-lhe que diariamente fosse a casa e estivesse com os filhos. Até que, inesperadamente, num final de tarde duma quinta-feira, o companheiro de tantos anos entrou em casa, trancou as portas, dirigiu-se à cozinha onde Maria preparava o jantar e, em silêncio, durante meia hora agrediu-a a pontapé, batendo com a cabeça contra a parede e as



portas. “Estava alcoolizado”, conta a vítima. Em estado de choque, os filhos, alertados pelos gritos da mãe, vieram em seu auxílio, mas em vão. Foi uma vizinha que chamou a polícia. Os agentes, que rapidamente chegaram à casa, do lado de fora, tentaram chamá-lo à razão e, na impossibilidade de o fazerem parar, acabaram por forçar a porta e entrar. A rápida chegada do INEM ainda originou uma cena de fúria contra a ambulância, ficando o agressor com o filho, contra a impotência dos agentes policiais, enquanto Maria e a filha foram levadas para o Centro de Saúde da Marinha Grande, para serem assistidas, seguindo depois para o posto da polícia, onde a vítima apresentou queixa.

Oito dias depois, no Instituto de Medicina Legal, Maria voltou a contar a história. Quando hoje recorda o momento, revê a indiferença do médico, que nem para ela olhou enquanto registava o seu relato. “Mediram com uma régua o tamanho das nódoas negras, mas nem uma radiografia me fizeram”, recorda ela.

Tipificada como crime público, esta cena de violência doméstica seguiria para o Ministério Público, decorrendo o processo com lentidão bastante para permitir que o agressor fugisse para França, faltasse a dois julgamentos e

acabasse por ser julgado à revelia, num terceiro.

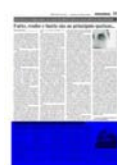
A memória deste julgamento ainda emociona Maria, que compareceu com os filhos como testemunhas dum crime público. Sujeita a um interrogatório que a obrigou a recordar pormenores que queria esquecer, ela não quis nada para si, limitando-se a aceitar o pedido de indemnização para os filhos. Mil euros a cada um, por danos psicológicos, a serem pagos no período de dois anos, sob ameaça de prisão se não pagasse. Passaram dias, meses e anos, cinco até hoje. Ele não pagou e nada lhe aconteceu.

A inoperância da justiça escandaliza-a. Mas no fundo de si, o que mais a perturba é a mágoa que sente pelo abandono a que ele votou os filhos, hoje adultos. Esta memória, apenas esta, emociona-a até às lágrimas. Maria pensa nos milhares de mulheres que, ano após ano, vivem histórias mais dramáticas do que a sua. Pensa nas que não chegaram a viver para contá-las. E pensa nas que nunca chegam a denunciar. Pensa nas que sofrem em silêncio. E lentamente, empaticamente, esta mulher forte e serena, funde-se em todas elas, quando acaba a entrevista dizendo-lhe: “aquelas que permanecem em silêncio falam eloquentemente”. ✽

Violência doméstica cresce em 2009

As queixas de violência doméstica dispararam em 2009. Mais de trinta mil casos (84 por dia), num ano em que morreram 26 mulheres. A maioria delas foi morta pelos companheiros, maridos ou namorados, segundo dados do Observatório de Mulheres Assassinadas. Embora muitas continuem a permanecer em silêncio, verifica-se um aumento de denúncias que, segundo declarações da PSP, “é reflexo das campanhas públicas de sensibilização e de uma maior exposição mediática que faz com que as vítimas não caem as situações”. Nas cenas de violência doméstica, 90% das vítimas foram mulheres e 90% dos agressores homens.

Segundo a Associação de Apoio à Vítima (APAV), o perfil dos autores do crime é homem, casado, entre os 26 e os 55 anos e tem uma relação familiar com a vítima. A vítima-tipo é mulher, entre os 26 e os 45 anos, casada, com filhos e vive do seu próprio trabalho. (Fonte: Diário de Notícias, on-line). ✽



20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima em filme

Retrato da violência doméstica e o tráfico de seres humano

É já no próximo dia 25 de Junho que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala o vigésimo ano de existência.

No âmbito das comemorações dos 20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima serão realizadas diversas iniciativas de modo a assinalar este ano especial a nível regional e nacional.

O filme “As Maltratadas”, uma curta-metragem realizada por Ana Campina é uma das apostas que durante este ano

será exibido para retratar os temas da violência doméstica e do tráfico de seres humanos.

É assumido que as mulheres são as vítimas mais vulneráveis.

O filme chega às salas de cinema em estreia a 25 de Março, em complemento à longa-metragem “Millennium 2: A Rapariga que Sonhava com uma Lata de Gasolina e um Fósforo”.

O trailer poderá ser visionado em: <http://www.youtube.com/v/jO-4jGpqBCyg>

Em 2009 a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) registou 17.628 crimes. Cerca de 90 por cento dizem respeito a violência doméstica: a APAV assinalou 6539 mulheres afectadas por crime em 2009, uma média de 18 por dia, a maioria entre 26 e 45 anos. A APAV refere que, neste tipo de crime, o número de homicídios mais do que duplicou face a 2008 (mais 128,5 por cento), enquanto a violação subiu 5,3 por cento e o abuso sexual aumentou 3,5 por cento.

Ainda no registo da Associação de Apoio à Vítima, os crimes contra as pessoas, o rapto ou sequestro também aumentaram (41,7 por cento), tal como a prostituição de menores, que duplicou face a 2008, o lenocínio (mais 150 por cento) e o auxílio ou angariação de imigração ilegal (40 por cento). O número de idosas vítimas de crime atingiu 642, ou seja, uma média de dois por dia, uma situação próxima da que se regista entre as crianças, com 610 vítimas. Nos Açores, anu-

almente, são contabilizados cerca de 10 mil vítimas de crime. Os crimes mais frequentes são contra as pessoas, e relacionam-se com ameaças, agressões físicas e injúrias, seguindo-se os crimes contra o património e que advêm sobretudo da chamada “pequena criminalidade” relacionada com a toxic dependência. Um

estudo realizado na Região Autónoma dos Açores e divulgado o ano passado, demonstrou que em cada dois açorianos(as), um(a) é, ou já foi, vítima do crime de violência.





VIOLÊNCIA DOMÉSTICA

123RF



Vítimas continuam à espera

Protecção às vítimas sem regulamentação

Seis meses depois da publicação em Diário da República, o regime de prevenção de violência doméstica e protecção às vítimas ainda não tem regulamentação, embora haja «grupos de trabalho» dedicados ao tema, disse à Lusa fonte da Presidência do Conselho de Ministros. Algo que é urgente fazer, defendeu a presidente da Associação de Apoio à Vítima, havendo ainda a «necessidade absoluta» de criar «condições físicas e materiais» para a aplicação do regime consagrado na lei.



Violência Doméstica em debate no CAR

Com a participação da APAV, o Círculo de Arte e Recreio (CAR) organiza, no dia 22 do corrente mês, uma conferência & debate sobre a "Violência Doméstica". A oradora será Teresa Sofia Silva da APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (gestora do gabinete de apoio à vítima de Braga).



ID: 29265051

13-03-2010

APAV quer levar apoio a todo o território

A presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) disse ontem, em Castelo Branco, que é preciso criar gabinetes de apoio à vítima em todo o país, adiantando que tem um projecto para criar equipas móveis. Joana Marques Vidal lembrou que “há áreas do país onde ainda está a descoberto o apoio à vítima, pelo que é necessário criar gabinetes ou soluções, financeiramente viáveis”, adiantando que “um dos projectos da APAV é criar equipas móveis, em parceria com as autarquias, para que, de forma articulada, possam dar respostas, sobretudo no Interior do país”. “Tem de haver uma resposta mais articulada e em bloco das instituições, oficiais e não oficiais, no combate ao crime de violência doméstica”, sublinha na sua intervenção no debate sobre “Inovação no combate à Violência Doméstica”, realizado no âmbito da Semana da Igualdade. ■



“AS MALTRATADAS”

No passado dia 9 de Março e na sequência do Dia Internacional da Mulher, o Cinema São Jorge recebeu a antestreia do filme “As Maltratadas”.

Contando com a presença da realizadora Ana Campina e de alguns actores do filme, a antestreia foi organizada no âmbito das comemorações dos 20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima e estará nos cinemas a 25 de Março, em complemento à longa-metragem “Millennium 2: A Rapariga que Sonhava com uma Lata de Gasolina e um Fósforo”.

“As Maltratadas” foca os temas da violência doméstica e do tráfico de seres humanos e venceu o prémio de Melhor Curta-Metragem no Hollywood Brazilian Film Festival, realizado em Los Angeles, tendo também participado na selecção oficial dos festivais internacionais de cinema de Montreal, Irlanda e São Paulo. Com um elenco internacional onde se destacam os actores Felipe Camargo, Alexandra Freudenthal e Camila Alves, “as Maltratadas” querem mostrar que num mundo de maus tratos, as mulheres são as vítimas mais vulneráveis.

APAV quer levar apoio a todo o território nacional

A presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) disse sexta-feira, em Castelo Branco, que é preciso criar gabinetes de apoio à vítima em todo o país, adiantando que tem um projeto para criar equipas móveis.

Joana Marques Vidal lembrou que “há áreas do país onde ainda está a descoberto o apoio à vítima, pelo que é necessário criar gabinetes ou soluções, financeiramente viáveis”, adiantando que “um dos projetos da APAV é criar equipas móveis, em parceria com as autarquias, para que, de forma articulada, possam dar respostas, sobretudo no Interior do país”.

“Tem de haver uma resposta mais articulada e em bloco das instituições, oficiais e não oficiais, no combate ao crime de violência doméstica”, sublinha na sua intervenção no debate sobre “Inovação no combate à Violência Doméstica”, realizado no âmbito da Semana da Igualdade, promovida em parceria pelo Governo Civil de Castelo Branco e a Coolabora, que iniciou



segunda-feira, Dia Internacional da Mulher, e termina sábado com o debate sobre “Igualdade de Género nos Media”.

Joana Marques Vidal frisou ainda: “a lei 112/2009, de 16 de setembro foi boa, mas não é suficiente. É boa porque concentrou um conjunto de medidas avulsas sobre o combate à violência doméstica, mas apesar de já o dever estar, ainda não foi regulamentada”.

Em suma, defende que “é preciso melhorar procedimentos

no futuro, como seja trabalhar melhor a problemática da vítima, ajudando a que o processo seja mais célere e que as instituições trabalhem de forma articulada, em vez de andarem todas a tratar do mesmo”, acrescentando que “os processos de violência doméstica deviam ser concentrados no mesmo magistrado, para que haja uma especialização e resposta mais célere”.

Destacou a evolução do papel das polícias, com a criação de ga-

binetes próprios para apoio às vítimas, “ao contrário do que ainda acontece nos tribunais”.

Joana Marques Vidal referiu-se ainda aos primeiros passos que estão a ser dados ao nível do apoio ao agressor, mas “este trabalho não é direcionado a todos os agressores, porque há vítimas que não concordam em afastar-se deles”.

Violência doméstica atinge casais cada vez mais velhos



DIREITOS RESERVADOS

A média das idades das mulheres vítimas de violência tem vindo a aumentar para os 65, 70 anos

MARIA JOSÉ RAPOSO
UMAR-AÇORES

É uma questão cultural ainda. A maioria dos casos que nos chegam são denunciados por outras pessoas

SÍLVIA BRANCO
APAV

Uma pessoa que tenha sido sempre calma, com o factor idade pode vir a desenvolver traços de agressividade

ANA PAULA BARBOSA
PSICÓLOGA

Média de idades das mulheres que se queixam de violência doméstica tem vindo a aumentar

ISIDRO FAGUNDES/RUI JORGE CABRAL
acorianooriental@acorianooriental.pt

A violência sobre idosos é um fenómeno em debate na sociedade actual, mas há um tipo de violência não tão noticiada, cuja ocorrência é muitas vezes descartada como normal, ou própria da idade. A violência doméstica entre idosos tem sido progressivamente mais denunciada na Região. O Açoriano Oriental foi tentar perceber qual é a percepção das instituições regionais sobre estes casos.

A UMAR (União de Mulheres Alternativa e Resposta) está presente nos Açores há quinze anos. Ao longo deste tempo, tem acompanhado no arquipélago centenas de mulheres vítimas de violência doméstica. Nos últimos anos, têm aumentado as denúncias e os casos acompanhados de mulheres com 65 anos, ou mais, vítimas de violência, como confirma Maria José Raposo, membro da direcção da UMAR nos Açores: "é um fenómeno que nos últimos anos nos tem aparecido com mais frequência. Não podemos dizer se é a violência que tem aumentado, se são as denúncias que são mais frequentes. Agora, de facto, a média das idades das mulheres vítimas de violência, que antes se situava entre os 25 e

os 45 anos, tem vindo a aumentar para os 65, 70 anos."

Na maioria dos casos que a UMAR tem acompanhado, a violência entre casais idosos não ocorre, geralmente, apenas durante a velhice. Os maus-tratos nestes casos começam muitas vezes logo no início da relação conjugal e vão-se arrastando no silêncio durante dezenas de anos. São principalmente denúncias de maus-tratos psicológicos, ameaças verbais e insultos, tão ou mais graves do que a violência física, na opinião da directora da UMAR.

"Mais frequentemente é uma violência profundamente psicológica, verbal, de intimidação, de

coacção, de privação dos bens necessários, do convívio social", afirma. No caso da APAV Açores (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima), o cenário traçado não é necessariamente o mesmo. São raras ainda as denúncias feitas à APAV por idosos vítimas de violência por parte do parceiro ou da parceira, o que pode ser explicado pela existência de outras associações, como a UMAR, mas principalmente pela "atitude cultural" quer persiste ainda relativamente à violência entre idosos.

"Chega-se a uma altura em que as próprias vítimas acham que têm que continuar a levar aquele tipo de vida. É uma questão cultural ainda, infelizmente.

Avançar da idade potencia traços agressivos

■ "Para além dos factores ambientais (falta de acompanhamento familiar e isolamento), a própria química cerebral vai-se alterando com o avançar da idade. Uma pessoa que tenha sido sempre calma, com o factor idade pode vir a desenvolver traços de agressividade. A impulsividade, a agressividade, a falta de noção em termos sexuais, tudo isto resulta de alterações ao nível cerebral", explica Ana

Paula Barbosa. Para a psicóloga, não faz muito sentido a noção de senso-comum de que a violência verbal deixa marcas mais profundas do que a física. "Para mim, estão ambas em pé de igualdade, porque por detrás de uma bofetada, da agressão física, há também um sentido psicológico, uma intenção psicológica por parte do agressor e uma consequência psicológica na vítima também", afirma.

A maioria dos casos que nos chegam são denunciados por outras pessoas, raramente pela própria vítima", explica Sílvia Branco, gestora do gabinete da APAV nos Açores.

Maria José Raposo afirma, com orgulho, que todos os casos de violência entre idosos que a UMAR tem acompanhado foram resolvidos com sucesso, um resultado positivo que não seria possível sem a intervenção em equipa de diversas instituições açorianas. "Quando temos a percepção de algum caso, trabalhamos em conjunto com a Equipa do Idoso, dos serviços da Segurança Social. Trabalhamos também com a equipa de apoio aos idosos da PSP, quando não conseguimos actuar sozinhos, ou quando o acesso à vítima está dificultado", explica.

Aviolência entre idosos é muitas vezes desvalorizada como sendo "normal", diz a directora da UMAR. "É como a desvalorizamos nas crianças", compara Maria José Raposo. Fazer com que os idosos se sintam úteis, capazes e integrados é a melhor solução para evitar o surgimento de traços agressivos. O convívio intergeracional, os passeios ao ar livre e a inclusão em tarefas do dia-a-dia devem ser prática comum nos lares de idosos e centros de dia, conclui. ♦



UM EM CADA QUATRO JOVENS É VÍTIMA DE AGRESSÕES NO NAMORO

A violência no namoro atinge um em cada quatro jovens, dos 15 aos 25 anos, conclui um estudo coordenado por Carla Machado, investigadora da Universidade do Minho. Dos 4730 jovens inquiridos para esta investigação, 30 por cento dizem ter agredido o parceiro e

20 por cento admitem ter sido vítimas. Os rapazes são os que agredem com maior gravidade, infligindo murros e pontapés. "Em geral, vítimas e agressores não percebem que a violência não é aceitável", segundo Carla Machado. O estudo mostra que as novas gerações começam a agredir-se cada vez mais cedo e chegam a

tolerar a violência sexual. A violência "não é coisa de adultos que desaparece com a mudança de geração", comenta a investigadora. Este estudo identificou níveis de violência física e psicológica no namoro muito próximos aos encontrados num outro estudo, de 2003, com adultos em contexto conjugal.

VIOÊNCIA DOMÉSTICA

BRAGA

Número de casos duplicou no início deste ano

Gabinete de Braga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima já registou 71 processos de apoio a vítimas de violência doméstica, mais do dobro em relação a igual período do ano passado. Responsáveis falam em valores "recorde".



Gabinete de Apoio à Vítima de Braga já registou, até ao início do mês de Março, 76 processos de apoio

> paula maia

O Gabinete de Apoio à Vítima de Braga (GAV), da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), já registou, até aos primeiros dias do corrente mês, 76 processos de apoio, mais do dobro do que em igual período do ano passado, onde foram registados 32 casos.

Números que levam a responsável do GAV de Braga a afirmar que "estamos a bater recordes", no que toca à abertura de processos relacionados com a violência doméstica. Já no relatório da APAV publicado recentemente referente ao ano de 2009, Braga aparece posicionado no quinto lugar no que diz respeito aos distritos de residências das vítimas mais citados.

Estes são indicadores bem expressivos da realidade do concelho em relação à questão da violência doméstica, mas Teresa Sofia Silva, responsável do GAV de Braga, releva que eles podem não estar directamente relacionados com um aumento real do número de casos, mas sim a um aumento das denúncias resultantes de um processo de sensibilização que a população tem sido alvo através de várias campanhas levadas a cabo para o efeito.

Seja qual for o motivo, estes são números preocupantes numa sociedade onde a mulher continua a ser o principal alvo de maus tratos, físicos e psicológicos, na maioria dos casos infligidos pelos companheiros.

Esta é uma realidade que se tem arrastado ao longo dos anos, não só no concelho de Braga, como a nível nacional. As estatísticas referentes a 2009, dão-nos conta que, dos 362 processos de apoio abertos, 86% das vítimas de crimes assinalados pela APV eram do sexo feminino, e situavam-se, em termos de faixa etária, entre os 26 e os 45 anos.

Em termos familiares, o estado civil casado e o tipo de família nuclear com filhos apresentavam-se com uma percentagem bastante elevada: 47,1%.

Os dados relevam ainda uma tendência para um aumento do número de vítimas estrangeiras oriundas do continente americano (com especial relevo para a

comunidade brasileira (3%) — manteve-se face a 2008. No entanto, as vítimas de nacionalidade portuguesa perfazem cerca de 78% do total registado.

Em termos escolares, o grau de ensino das vítimas que procuraram a APAV em 2009 distribuiu-se de forma bastante equitativa entre o 1.º ciclo e o ensino superior. Porém, o nível de ensino superior apresenta valores ligeiramente acima dos restantes, com cerca de 7,8% do total dos casos registados.

Genericamente, os utentes que recorrem à APAV encontram-se profissionalmente numa situação estável, uma vez que cerca de 36% dos mesmos se encontram empregados e têm como principal meio de vida o rendi-

mento do próprio trabalho. Por sua vez, e no que respeita às categorias profissionais os trabalhadores não qualificados do comércio e serviço e o pessoal dos serviços directos e particulares, tal como em anos anteriores, continuam a ser as áreas profissionais que mais se destacam.

Caracterização do autor do crime

O género masculino prevalece no que diz respeito aos autores do crime, com 85% das situações sinalizadas.

A percentagem de autores de crime casados e/ou em união de facto perfazem um total de 61% dos casos sinalizados.

Tal como no caso das vítimas, o nível de ensino dos autores de crime também se distribuiu de forma transversal e relativamente equitativa entre o 1.º ciclo e o ensino superior. Porém, uma vez mais, o nível de ensino superior destaca-se face aos restantes (5,6%).

As relações familiares entre o autor do crime e vítima são as situações mais comuns.

Em 50,4 % dos casos, os maus tratos são infligidos pelo cônjuge ou companheiro.

O caso de Braga

O GAV de Braga registou no ano transacto 362 processos de apoio, sendo a sétima unidade orgânica da APAV que abriu o maior número de processos. No entanto, o número é ligeiramente inferior relativamente a 2008, onde a unidade registou 441 processos. Bem acima da unidade bracarense aparece Lisboa, com 3776 processos, Porto (1586); Cascais (713), Coimbra (634), Vila Real (466), Setúbal (432) e a Unidrave (377).

Número de vítimas mortais

Vinte e seis mulheres foram assassinadas em 2009 e 43 foram vítimas de tentativa de homicídio.

A maioria foi morta pelos companheiros, maridos ou namorados, revelam dados do Observatório de Mulheres Assassinadas (UMAR).

Em 2008 tinham sido assassinadas 43 mulheres, o número mais alto desde 2004. O número de mulheres assassinadas por aqueles que ainda eram companheiros, maridos e namorados constituem 64 por cento dos casos, sendo que 36 por cento foram vítimas dos parceiros de quem estavam já divorciadas.

ID: 29302617

16-03-2010



O Gabinete de Braga da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima já registou 71 processos de apoio a vítimas de violência doméstica, mais do dobro em relação a igual período do ano passado. Os responsáveis falam em valores 'recorde'...

>> 08

Plano contra violência doméstica sem técnicos especializados

● Secretária Ana Paula Marques apresentou ontem um Plano que não foi dado a conhecer às associações que contribuíram para a sua criação e que será de difícil execução em todas as ilhas

PEDRO NUNES LAGARTO
plagarto@acorianooriental.pt

O grande objectivo do plano é que daqui a três anos a percentagem dos casos de violência doméstica diminua no arquipélago dos Açores, mas a missão pode estar comprometida porque não existem técnicos especializados em número suficiente e para trabalhar em regime de exclusividade em todas as ilhas, apurou o Açoriano Oriental.

Ontem, a secretária regional do Trabalho e Solidariedade Social, Ana Paula Marques, e a directora regional da Igualdade de Oportunidades, Natércia Gaspar, apresentaram o Plano Regional de Prevenção e Combate à Violência Doméstica, em Angra do Heroísmo.

Por estranho que pareça, as associações locais que contribuíram para a elaboração do Plano, a título gratuito, ainda não receberam a versão definitiva nem as suas responsáveis foram convidadas a estar presentes.

"É típico!", afirmaram ao "Açoriano Oriental", acrescentando que têm igualmente muitas dúvidas acerca da boa execução do Plano.

"O esboço prevê a criação de núcleos de aconselhamento, mas com recurso a técnicos importados de outras áreas e sem regime de exclusividade. Não vai dar certo", vaticinam.

"Para que desse certo - prosseguem - seria necessário haver equipas multidisciplinares, especializadas e com total disponibilidade de horários, o que não há nem vai haver nos próximos tempos".



Denúncias de maus-tratos aumentaram nos Açores

Bastante mais optimista está a governante Ana Paula Marques, que ontem salientou os objectivos do Plano, tais como a prevenção da violência doméstica, punir e recuperar os agressores, formar cada vez mais técnicos, promover a acção e a prevenção, continuar a recolher dados que permitam agir nos sítios onde é necessário, avaliar e im-

plementar as medidas e, por fim, articular todas as acções com os agentes activos da sociedade.

Neste plano os agressores não são esquecidos e Ana Paula Marques destacou a importância de se reabilitarem estas pessoas, porque muitas vezes o seu comportamento é desencadeado por condicionantes da sua vida social.



Secretária apresentou Plano, em Angra, ontem

Maioria das vítimas é do sexo feminino e tem entre 26 e 45 anos de idade

Para o ano de 2009, a APAV registou um total de 6682 processos em todo o país. As vítimas são maioritariamente do género feminino (88%), com idades compreendidas entre os 26 e os 45 anos de idade (32,6%). As relações de conjugalidade entre vítima e autor do crime destacam-se grandemente no que diz respeito aos crimes de Violência Doméstica,

dado que ultrapassam os 55% do total de casos registados. Importa ainda salientar as relações de ex-conjuge/companheiro (10%), de pai/mãe (9,8%) e de filho/a (8%). Tal como no caso das vítimas, o nível de ensino dos autores de crime também se distribui de forma transversal e relativamente equitativa entre o 1.º ciclo e o ensino superior.

Segundo Natércia Gaspar, os dados relativos a 2008 e 2009 atestam que houve um aumento de denúncias deste crime na Região, o que "não significa necessariamente que a violência doméstica esteja a aumentar, bem pelo contrário, que o trabalho feito tem dado resultados e que as vítimas têm agora mais coragem para denunciar", defendeu.

Com efeito, de acordo com o relatório da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, no ano passado foram registados 137 crimes de violência doméstica nos Açores, mais 28 do que no ano

anterior, passando a Região a representar 2,1% do total dos casos apurados por aquela associação em território nacional.

Para se ter uma ideia da grandeza deste tipo de crime, basta dizer que em termos criminais a APAV regista os crimes distribuindo-os por seis categorias, designadamente os de Violência Doméstica, contra as Pessoas e a Humanidade, contra o património, contra a Vida em Sociedade e Estado, os Rodoviários e os Outros crimes, sendo que os maus-tratos físicos e psíquicos contra mulheres representam 90% do total. ♦



ID: 29320757

18-03-2010

Violência doméstica precisa de mais gabinetes de apoio

→ A presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) disse na passada semana, em Castelo Branco, que é preciso criar gabinetes de apoio à vítima em todo o País, adiantando que tem um projecto para criar equipas móveis.

Joana Marques Vidal lembra que “há áreas do País onde ainda está a descoberto o apoio à vítima, pelo que é necessário criar gabinetes ou soluções, financeiramente viáveis”, adiantando que “um dos projectos da APAV é criar equipas móveis, em par-

ceria com as autarquias, para que, de forma articulada, possam dar respostas, sobretudo no Interior do País”. “Tem de haver uma resposta mais articulada e em bloco das instituições, oficiais e não oficiais, no combate ao crime de violência doméstica”, sublinhou na sua intervenção no debate sobre “Inovação no combate à Violência Doméstica”, realizado no âmbito da Semana da Igualdade, promovida em parceria pelo Governo Civil de Castelo Branco e a Coolabora.



ID: 29357007

18-03-2010

Nova lei é positiva, mas insuficiente

APAV quer alargar apoio

A presidente da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) defendeu sexta-feira, dia 12 de Março, em Castelo Branco, que é preciso criar gabinetes de apoio à vítima em todo o país.

Joana Marques Vidal lembrou que “há áreas do país onde ainda está a descoberto o apoio à vítima, pelo que é necessário criar gabinetes ou soluções, financeiramente viáveis”, adiantando que “um dos projectos da APAV é criar equipas móveis, em parceria com as autarquias, para que, de forma articulada, possam dar respostas, sobretudo no Interior do país. Tem de haver uma resposta mais articulada e em bloco das instituições, oficiais e não oficiais, no combate ao crime de violência doméstica”, sublinhou na sua intervenção no debate sobre “Inovação no combate à Violência Doméstica”, realizado no âmbito da Semana da Igualdade, promovida em parceria pelo



Joana Marques Vidal

Governo Civil de Castelo Branco e a Coolabora, que iniciou segunda-feira, Dia Internacional da Mulher, e terminou sábado, com o debate sobre “Igualdade de Género nos Media” e a entrega dos galardões “Mulheres Notáveis”.

Joana Marques Vidal também frisou que “a lei 112/2009, de 16 de Setembro foi boa, mas não é suficiente. É boa porque concentrou um conjunto de medidas avulsas sobre o combate à violência doméstica, mas apesar de já o dever estar, ainda não foi regulamentada”. Em suma, defende que “é preciso me-

lhorar procedimentos no futuro, como seja trabalhar melhor a problemática da vítima, ajudando a que o processo seja mais célere e que as instituições trabalhem de forma articulada, em vez de andarem todas a tratar do mesmo”, acrescentando que “os processos de violência doméstica deviam ser concentrados no mesmo magistrado, por exemplo, para fomentar uma especialização e respostas mais céleres”.

Destacou a evolução do papel das polícias, com a criação de gabinetes próprios para apoio às vítimas, “ao contrário do que ainda acontece nos tribunais”. Joana Marques Vidal referiu-se ainda aos primeiros passos que estão a ser dados ao nível do apoio ao agressor, mas “este trabalho não é direccionado a todos os agressores, porque há vítimas que não concordam em afastar-se deles”. Por isso “a avaliação do risco deve ser trabalhada de forma mais aprofundada, porque é

uma questão fundamental na protecção das vítimas”.

Sobre o mesmo tema, Rita Braga da Cruz, presidente da Associação Portuguesa de Mulheres Juristas e coordenadora do Projecto Receba, também destacou as alterações trazidas pela Lei 112/2009, de 16 de Setembro.

Apresentou os primeiros resultados sobre do Projecto Receba, que analisa 20 processos-crime de mulheres acolhidas em três casas abrigo na zona norte do País. Como pontos essenciais deste tipo de processo, resume que “devem ter natureza urgente; devem ser feitos registos para memória futura; deve ser mais aplicada a Lei de Protecção de Testemunhas; serem realizados relatórios sociais das vítimas; aprofundada a avaliação de risco; serem promovidas medidas de coação mais céleres; e o agressor pode ser detido fora do flagrante delito”.

Lídia Barata

APAV: GAV de Ponta Delgada registou um aumento dos pedidos de apoio por parte das vítimas de crimes patrimoniais

Furto, roubo e burla são as principais queixas...

POR SÍLVIA BRANCO

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) é uma instituição particular de solidariedade social que tem como objectivo estatutário promover e contribuir para a informação, protecção e apoio social, psicológico, jurídico de forma individualizada e qualificada a todos os cidadãos vítimas de crime, através de serviços gratuitos e confidenciais.

A APAV foi fundada no ano de 1990 e pelo facto de ser uma instituição de âmbito nacional dispõe de uma rede de 15 Gabinetes de Apoio à Vítima (GAV) presente em muitas das principais cidades do país, nomeadamente, Albufeira, Braga, Cascais, Coimbra, Faro, Lisboa, Loulé, Odiveiras, Ponta Delgada, Portimão, Porto, Santarém, Setúbal, Tivim e Vila Real.

Apesar da distância geográfica existente entre a rede de gabinetes, cada GAV promove uma sólida identidade da APAV nas comunidades locais em que os serviços de apoio à vítima estão inseridos, desenvolvendo relações próximas e consistentes no seio das suas redes e garantindo a máxima optimização de recursos disponíveis para a melhor resposta à vítima de crime naquela comunidade.

A inauguração do GAV de Ponta Delgada decorreu no mês de Fevereiro do ano de 2004 aquando da celebração do protocolo efectuado entre a APAV e a Câmara Municipal de Ponta Delgada, na sequência da tomada de consciência da promoção de serviços de apoio que pudessem facultar resposta às necessidades e expectativas dos cidadãos vítimas de infracções penais na Região Autónoma dos Açores.

Relativamente à Região Autónoma da Madeira, embora a APAV não tenha estrutura física na região, através do número único de atendimento (707 20 00 77) as vítimas de crime contactam o GAV de Ponta Delgada e, após o levantamento das necessidades, o Técnico de Apoio à Vítima faz a mediação entre a

vítima e os recursos existentes na região.

Desde 2004 a 2007, o GAV de Ponta Delgada funcionou com carácter permanente nas instalações da acção social da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Após 4 anos de funcionamento do GAV nas instalações da Câmara Municipal de Ponta Delgada, no ano de 2008 o Gabinete passou a desenvolver os seus serviços na Rua do Mercado, n.º 57.

A necessidade da mudança de instalações prendeu-se com o facto de o GAV ter registado um aumento do volume processual e querer continuar a garantir um atendimento cada vez melhor e mais eficaz às vítimas de crime que procuram os serviços da APAV. De registar que, no ano de 2004 foram acompanhados 71 processos, em 2005 um total de 100, no ano de 2006 109 processos e em 2007 o GAV registou um total de 120 acompanhamentos a vítimas directas de crime. No decorrer do ano de 2008 o GAV apoiou um total de 192 cidadãos vítimas de crime aumentando para 298 acompanhamentos no ano de 2009.

O balanço de 2009 não acarreta grandes alterações em relação ao que tem sido, nos últimos anos, o perfil das vítimas e agressores. São sobretudo mulheres, com idades compreendidas entre os 26 e os 45 anos, casadas e vítimas de violência doméstica, através de maus-tratos físicos, psicológicos, ameaças e injúrias que recorrem aos serviços prestados pelo GAV. Por sua vez, os agressores são, maioritariamente, cidadãos do sexo masculino com idades compreendidas entre os 26 e os 55 anos de idade, cuja existência de relação familiar entre a vítima e o agressor é comum.

De referir que, o GAV de Ponta Delgada registou um aumento dos pedidos de apoio por parte das vítimas de crimes patrimoniais, nomeadamente, furto, roubo, burla, entre outros. O aumento do volume processual deve-se, em grande parte, à realização de acções de sensibilização/prevenção junto da comunidade açoriana, através das quais

retém informação acerca da tipologia dos crimes, apoios prestados pela APAV e estratégias de segurança.

Numa altura em que a APAV celebra os 20 anos de existência a instituição, ao nível nacional, assinalará o presente ano com uma diversidade de iniciativas, designadamente, a associação a filmes, exposições de arte entre outros eventos. De salientar que, no final do mês de Janeiro assistiu-se ao lançamento da campanha que se designa "Se pode complicar, porquê facilitar?" com o intuito de alertar a população para a adopção de comportamentos preventivos no que diz respeito aos vários aspectos da segurança: na rua, nas zonas residenciais e de trabalho, nos transportes e áreas de acesso público e avaliação de risco. No dia 9 de Fevereiro realizou-se a antestreia e estreia do filme "Precious" e no dia 22 de Fevereiro o seminário-debate do Dia Europeu da Vítima de Crime intitulado "As Vítimas de Crime e os Órgãos de Comunicação Social". No dia 9 de Março assistiu-se à antestreia da curta-metragem "As Maltratadas" realizada por Ana Campina que revela pertinência ao focar os temas da violência doméstica e do tráfico de seres humanos.

Relativamente à APAV Açores no decorrer do ano de 2010 continuará a desenvolver acções de sensibilização/prevenção pelas 9 ilhas que compõem o arquipélago com destaque para as temáticas dos Crimes Patrimoniais, "Bullying" e Violência no Namoro e, por fim, sobre "Burnout", nos centros de convívio e lares de idosos, nas Escolas Secundárias e para técnicos de várias entidades/organizações, respectivamente. A presente actividade tem como principal finalidade alertar as possíveis vítimas para a identificação de uma situação de crime, os sintomas de vitimação, assim como as estratégias de combate a adoptar face a uma situação de vitimação.

Em parceria com o Comando Regional da PSP dos Açores a APAV nos dias 9 e 14 de Abril realizará no Teatro Ri-



beiragrandense e Coliseu Micaelense, respectivamente, um evento alusivo aos Crimes Patrimoniais. O evento contará com a encenação, por parte do Grupo de Teatro "Depois dos Entus" (Centro de Convívio da Fajã de Baixo). Com o evento pretende-se alertar a população para situações de risco, bem como a adopção de comportamentos preventivos face às mesmas.

Refira-se que, para a garantia da qualidade dos serviços prestados pelo GAV de Ponta Delgada as parcerias que têm sido efectuadas entre a instituição e os demais recursos sociais existentes na Região têm-se revelado de extrema importância na medida em que, para além de proporcionar a economização de recursos, simultaneamente garante uma maior e melhor eficiência na prestação dos serviços ao longo dos 20 anos de existência da APAV. De salientar, o importante apoio codido pela Câmara Municipal de Ponta Delgada, a presente colaboração prestada pelo Comando Regional da PSP dos Açores, que disponibilizou um espaço nas instalações da esquadra da PSP de Ponta Delgada para atendimento a vítimas de crime. Por sua vez, a parceria estabelecida com a Rede de Apoio à Mulher em Situação de Risco da Ilha de São Miguel, bem como com as restantes instituições parceiras que compõem a mesma assumem um papel preponderante na resposta efectiva e célere no apoio às vítimas de crime.

* Gestora do Gabinete de Apoio à Vítima de Ponta Delgada

20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima em filme

Retrato da violência doméstica e o tráfico de seres humano

É já no próximo dia 25 de Junho que a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) assinala o vigésimo ano de existência.

No âmbito das comemorações dos 20 anos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima serão realizadas diversas iniciativas de modo a assinalar este ano especial a nível regional e nacional.

O filme "As Maltratadas", uma curta-metragem realizada por Ana Campina é uma das apostas que durante este ano

será exibido para retratar os temas da violência doméstica e do tráfico de seres humanos.

É assumido que as mulheres são as vítimas mais vulneráveis.

O filme chegou às salas de cinema em estreia a 25 de Março, em complemento à longa-metragem "Millennium 2: A Rapariga que Sonhava com uma Lata de Gasolina e um Fósforo".

O trailer poderá ser visionado em: <http://www.youtube.com/v/jO-4Gp9BCy8>

Em 2009 a APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima) registou 17.623 crimes. Cerca de 90 por cento dizem respeito a violência doméstica: a APAV assinalou 6339 mulheres afectadas por crime em 2009, uma média de 18 por dia, a maioria entre 26 e 45 anos. A APAV refere que, neste tipo de crime, o número de homicídios mais do que duplicou face a 2008 (mais 128,5 por cento), enquanto a violação subiu 5,3 por cento e o abuso sexual aumentou 3,5 por cento.

Ainda no registo da Associação de Apoio à Vítima, os crimes contra as pessoas, o rapto ou sequestro também aumentaram (41,7 por cento), tal como a prostituição de menores, que duplicou face a 2008, o lenocínio (mais 150 por cento) e o auxílio ou angariação de imigração ilegal (40 por cento). O número de idosos vítimas de crime atingiu 642, ou seja, uma média de dois por dia, uma situação próxima da que se regista entre as crianças, com 610 vítimas. Nos Açores, anu-

almente, são contabilizados cerca de 10 mil vítimas de crime. Os crimes mais frequentes são contra as pessoas, e relacionam-se com ameaças, agressões físicas e injúrias, seguindo-se os crimes contra o património e que advêm sobretudo da chamada "pequena criminalidade" relacionada com a toxicod dependência. Um



estudo realizado na Região Autónoma dos Açores e divulgado o ano passado, demonstrou que em cada dois açorianos(as), um(a) é, ou já foi, vítima do crime de violência.

Cândido Barbosa acusado de agressão

Violência doméstica. Ex-mulher do ciclista apresentou queixa por maus tratos. O actual vereador nega a agressão

ROBERTO BESSA MOREIRA

A ex-mulher de Cândido Barbosa acusa o ciclista de a ter agredido com violência ontem de manhã. Maria Lurdes Garcez apresentou, queixa por ofensas à integridade física na GNR de Paredes, logo depois de ter saído do Hospital Padre Américo, no qual lhe foi receitado um medicamento para as dores apesar de não apresentar escoriações visíveis.

O também vereador da Câmara Municipal de Paredes nega, no entanto, todas as acusações. Contacto pelo DN recusou qualquer agressão e afirmou que está a estudar com o advogado uma resposta às acusações. Na origem da agressão entre o ex-casal estará a relutância da filha em passar os fins-de-semana com o pai.

Ao DN, Maria Lurdes Garcez conta que tudo se passou ontem de manhã, no final da catequese dos filhos. "Os miúdos foram, na sexta-feira à noite, com o pai para passar o fim-de-semana e o Cândido foi levá-los à catequese hoje [ontem] de manhã. A minha filha chegou com as lágrimas nos olhos", descreve Maria Lurdes Garcez, que também é catequista no Centro Paroquial de Castêlões de Cepeda.

A criança de 9 anos terá dito à mãe que não queria estar com o pai, uma situação que diz ser normal desde que o casal se divorciou, por mútuo acordo, em Fevereiro do ano passado. Cândido Barbosa veio buscar a criança ao Centro Paroquial, mas a mãe recusou. "A minha filha começou outra vez a chorar e a repetir que não queria ir com o pai e eu, como é lógico, não a deixei ir. Fomos as duas para o meu carro e dirigi-me a casa", diz a ex-mulher.

Foi junto ao portão de casa - na rua com o nome do actual corre-



O ciclista e vereador da Câmara de Paredes está separado da mulher desde Fevereiro de 2009

ESTATÍSTICA

Quase 7 mil mulheres vítimas em Portugal

► No ano passado, a Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) registou 6539 mulheres vítimas de crimes de maus tratos. Uma média de 18 por dia, a maioria entre os 26 e 45 anos, num total de 7639 vítimas. Segundo Joana Marques Vidal, presidente da APAV, explicou ao DN, os casos em que as discussões têm origem em questões relacionadas com filhos tem vindo a aumentar. "Até porque a lei não previa que o crime de violência do-

méstica englobasse agressões entre ex-cônjuges e agora já prevê o que fez com que as queixas destes casos aumentassem nas estatísticas", explica. "E no caso de casais separados as discussões são muitas vezes por causa dos filhos". No balanço da sua actividade no ano passado, a APAV aponta um acréscimo de 1,3 % dos processos de apoio, que totalizaram 10 132, com o número de pessoas ajudadas a ultrapassar 20 mil.

dor do Palmeiras - Távira Resort - Maria Lurdes Garcez viu que Cândido Barbosa a tinha seguido. "Ele aproximou-se do carro e disse à menina para ir com ele. Nessa altura, voltei a dizer-lhe que ela ficava comigo e o Cândido agarrou na minha mala e atirou-ma contra a cara", acusa.

Depois disto, Maria Lurdes Garcez saiu do carro e envolveu-se em confrontos físicos com o ex-marido, com os filhos gémeos do casal a assistir. A actual companheira do vereador do Desporto da Câmara Municipal de Paredes e o filho desta também presenciaram a cena de violência.

Após os confrontos, Maria Lurdes Garcez dirigiu-se ao Hospital

CÓDIGO PENAL

Crime punido com de dois a cinco anos

► Cândido Barbosa pode vir a ser acusado do crime de violência doméstica, na sequência da queixa ontem apresentada pela ex-mulher. Um crime que é punido com dois a cinco anos de prisão. O artigo 152º do Código Penal, que se aplica não só a cônjuges como a ex-cônjuges, prevê ainda como pena acessória a proibição de contacto com a vítima, de uso e porte de arma e a obrigação de frequência de programas específicos de prevenção de violência doméstica. No ponto 5, este artigo estipula, também, o afastamento do local da residência da vítima, o que neste caso significaria que Cândido Barbosa não poderia frequentar a "Escolinha do Cândido", o seu estabelecimento de ensino privado.

Padre Américo para receber tratamento.

Segundo fonte hospitalar, a mulher entrou no serviço de Urgência de Penafiel muito nervosa mas "sem nenhum tipo de escoriações visíveis", tendo-lhe sido receitado apenas um medicamento para as dores. Do hospital, Maria de Lurdes Garcez dirigiu-se à GNR para formalizar a queixa.

À saída do posto da Guarda, Maria Lurdes declarou ao DN que "as agressões verbais" do ex-marido já vêm acontecendo "há algum tempo", tendo sido, porém, esta a primeira vez que foi maltratada fisicamente. "Ele pensa que sou eu que estou a virar a cabeça à minha filha", remata.



Alerta contra a VIOÊNCIA

Várias figuras públicas juntaram-se à Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e estiveram na rua a explicar normas de segurança contra crimes como o *carjacking* e o *homejacking*. **Ricardo Pereira, Francisco Areosa, Sílvia Rizzo e Francisco Mendes** distribuíram folhetos na zona do Saldanha.



Isaura ainda voltou atrás para largar a arma do crime à entrada do armazém. As filhas e genros da vítima (à direita)



NUNO PINTO/FERNANDES/SOLAR/IMAGENS

Mulher mata a tiro ex-marido para evitar concorrência no negócio

Almada. Casal estava separado há dois meses. Vítima tinha aberto armazém no mesmo ramo

SÓNIA SIMÕES

A paz de José Monsanto, 45 anos, terminou no dia em que decidiu deixar Isaura e seguir com um negócio sozinho, em Almada. Assim que abriu a porta ao público e os clientes começaram a abundar, a ex-companheira fez-lhe esperas, ameaças e nunca cedeu ao seu desejo de descanso. Ontem de manhã apanhou-o à porta do armazém e disparou três vezes à queima-roupa. Só voltou atrás para deixar a arma do crime no local. Ao início da noite era ainda procurada.

À porta do armazém de revenda de têxteis para o lar, na Quinta do Gato Bravo, em Almada, ainda está o vaso colorido que "Zé", como lhe chamavam, pintou no dia anterior. Foi a última coisa que exibiu, orgulhoso, a Beatriz Santos, empregada de escritório na oficina paredes meias com o edifício. Eram 09.20 de ontem quando ouviu, pelo menos, três estrondos. Ao DN disse que ainda pensou serem barulhos comuns da oficina. Mas seguiram-se os gemidos e gritos de socorro de Zé. "Corri para lá. Ainda vi uma mulher a apontar para a autora dos disparos. Mas desapareceu logo de seguida."

Desapareceram a testemunha e

a presumível autora dos disparos. Isaura, 48 anos, era a ex-companheira de José e foi vista a subir a rua a pé, de casaco bege, em passo acelerado. Teria deixado o carro — que os vizinhos dizem ser um *Audi* escuro, enquanto os amigos de José dizem ser um *Mercedes* — numa rua próxima do local do crime.

Durante oito anos o casal vendeu têxteis para o lar em feiras do País

Um amigo de José, que prefere o anonimato temendo represálias, conta que desde que ele arrendou o armazém, há cerca de dois meses, "era um homem com medo". José pôs um sistema de vigilância e um alarme ligado à Securitas, que ainda terá accionado depois de baleado. E mantinha sempre a porta trancada. "Ela deve ter aproveitado o facto de ele andar em limpezas e ter a porta aberta para disparar", opina Beatriz Santos.

Isaura entrou no armazém, subiu as escadas e disparou três vezes na zona do abdómen. A vítima ainda desceu à porta, à procura de socorro, e ela voltou atrás. Mas só para abandonar a pistola.

Beatriz Santos encontrou José à entrada do edifício já sem conseguir dizer palavra. Esperou meia hora pelos meios de socorro. Foi levado para o Hospital Garcia de Orta e morreu pelo meio-dia.

Já não era a primeira vez que Isaura se deslocava ali para causar problemas. Numa das vezes, re-

corda o amigo de José, até atirou uma pedra contra o vidro do edifício. "Quando a abordei a exigir o pagamento pelos estragos, ela até foi simpática. Pediu desculpa e justificou estar exaltada. Mais tarde deu-me o dinheiro", diz.

Do seu escritório, Beatriz também chegou a ouvir discussões. "Deixa-me em paz, deixa-me seguir com a minha vida", respondeu José a Isaura. Ela ainda chamou a PSP. Nessa semana tinham sido registados dois homicídios passionais na zona de Almada e a PSP foi rápida a chegar ao local.

Isaura vivia no piso superior de um armazém que arrendou em

Santa Marta do Pinhal. Foi aqui que viveu durante oito anos com José. Os dois vendiam têxteis para o lar em carrinhas que conduziam até várias feiras do País. Também revendiam a outros feirantes.

Isaura foi vista pela última vez domingo, no mercado do Feijó. Após o crime, desligou o telemóvel e às 20.30 de ontem continuava em fuga. Quem a conhece diz que anda sempre acompanhada por um cão. Era a segunda mulher de José, com família em Santarém. Ontem, as duas filhas, fruto do primeiro casamento dele, estiveram no armazém, mas não quiseram prestar declarações.

15 homens vítimas de violência doméstica todos os meses, segundo relatório da APAV

ESTATÍSTICAS Em 2008, segundo o relatório anual da Associação de Apoio à Vítima (APAV), 187 homens entre os 18 e os 64 anos foram vítimas de violência doméstica, o que significa uma média de 15 homens agredidos todos os meses. Ainda assim, os agressores continuam a ser maioritariamente homens e as vítimas mulheres.

A distinção entre o sexo das vítimas é apenas feita em relação a 2008. Já em 2009, a APAV refere que em 10% dos casos as vítimas são homens (705), mas neste caso estão incluídas vítimas dos zero meses até mais de 65 anos.

Nos últimos anos, a APAV reconhece que há cada vez mais homens vítimas e, por isso, mais homens a pedir apoio à APAV e apresentar queixa às autoridades. Não foi o caso de José Monsanto, ontem assassinado a tiro pela ex-companheira em Almada. José vivia com medo e até tinha medidas de segurança adicionais no seu local de trabalho, onde também dormia, mas nunca terá apresentado queixa às entidades competentes.

Segundo as estatísticas da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais, no final do ano passado, 43 mulheres cumpriam penas por

3 PERGUNTAS A...

"As mulheres não costumam usar armas"



CARLOS POIARES
Psicólogo criminal

É atípico uma mulher matar o ex-marido?

Neste caso é importante perceber se ela matou por uma questão de afectos ou por uma questão material. É importante saber se a relação do casal era violenta, se era muito fechada, aberta. Se era assente em negócios ou se algum deles alguma vez teve um comportamento violento.

Mas é comum?

É muito mais vulgar a violência exercida pelos homens. Há mulheres que matam os maridos depois de anos de pancada. Conheci uma mulher na cadeia que cumpria uma pena de 17 anos. Disse-me que durante anos foi vítima do marido até ao dia em que não aguentou mais. Significa isto uma violência mais reactiva, aos anos de violência doméstica. Neste caso não sei se será isso. Quando as pessoas já estão separadas, há normalmente um quadro psicoafectivo passado que se agrava com a separação.

O facto de ter sido usada uma arma de fogo tem algum significado?

As mulheres não usam normalmente armas de fogo, usam armas que saibam manusear [há casos de mulheres que agredem com enxadas]. Este caso é curioso, talvez por estarem envolvidos negócios. Poderá haver um passado psicoafectivo. Até a fuga não é comum. A utilização da arma de fogo poderá significar uma violência material e não afectiva.

homicídio, cinco das quais estrangeiras. Entre elas está a *socialite* Maria das Dores que, apesar de ter encomendado a morte do marido, foi condenada como autora material do crime. Não é caso único.

Em Dezembro, José Joaquim Sousa, 56 anos, foi assassinado pela ex-mulher com vários disparos, em Messines. Os dois alimentavam desavenças por partilhas que levaram ao divórcio. Os colegas de trabalho da vítima disseram na altura que há muito que ele era ameaçado de morte. Neste caso, a mulher entregou-se às autoridades. s.s.

SEMPRE FESTA

Mulheres de Vermelho APOIO À VÍTIMA

Angariar produtos para reverter a favor da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e das instituições da rede social da Câmara de Lisboa foi o objectivo das Mulheres de Vermelho, que apoiaram a iniciativa solidária da Peres & Partners. O evento, que contou com a presença de Leila Nyrop, Clara Correa, Rosalina Machado e Gilda Paredes Alves, realizou-se no Palácio da Mitra, em Lisboa.

Leila
Nyrop



Clara Correa e Augustus (à esq.);
António Peres e Idália Moniz (em cima)





REGIÃO APOSTA NA INTERVENÇÃO INTEGRADA DOS SERVIÇOS DESTAS SITUAÇÕES

Serviços de saúde são porta de entrada de casos de violência doméstica

"Isto não é uma varinha mágica para a resolução do problema", sublinha Eusébio Pacheco sobre o projecto Intervenção Integrada em Violência doméstica na região do Algarve. Contudo, admite que se os profissionais que se deparam com casos de violência de género ou doméstica estiverem preparados vão poder dar um apoio às vítimas e também ao agressor

> SOFIA CAVACO SILVA *

O Algarve foi desafiado a realizar um trabalho na área da intervenção integrada em casos de violência doméstica, pela Comissão de Igualdade de Género (CIG). O repto foi aceite e está a ser trabalhado desde o ano passado, tendo como parceiros a CIG, a Direcção Regional de Educação, a Segurança Social, a Administração Regional de Saúde (ARSA) e o Hospital Central de Faro.

Em declarações ao JA, Eusébio Pacheco, da ARSA, explicou que o projecto "visa fundamentalmente sensibilizar o dotar os profissionais com acções de formação para estarem mais despertos e disponíveis para esta problemática da violência doméstica". "Sabemos muito bem que do ponto de vista da violência, seja ela de género ou doméstica, a porta de entrada é a área hospitalar", comentou, justificando as acções de formação dos profissionais. "Sabemos que não é uma varinha mágica para a resolução do problema, mas sabemos que se capacitarmos as pessoas, os profissionais - uma vez que são os receptáculos enquanto porta de entrada destes casos - estamos a contribuir para que estas situações tenham mais visibilidade, sejam melhor reportadas e possa haver uma intervenção integrada não só há vítima mas também ao agressor", acrescentou.

O projecto conta ainda com cerca de 20 parceiros informais que vão dando contributos vários no que respeita a esta matéria. As forças de segurança, a Polícia Judiciária, os profissionais de medicina médico-legal, os magistrados, entre outros, cuja acção permite que na generalidade os casos possam ser resolvidos de forma mais célere.

Além destas acções de formação e da interacção entre diferentes profissionais, o projecto prevê ainda que a Segurança Social elabore e distribua um guia de percursos e



Vários profissionais de saúde do Hospital de Faro assistiram a esta conferência Houscult

recursos e folhetos. Mais para o final do ano, prevê-se ainda a realização de um seminário aberto à população em geral no qual o projecto será apresentado e objecto de debate público.

Este projecto conta com uma comparticipação financeira do Programa Operacional do Potencial Humano (POPH) e o seu custo total é de aproximadamente 174.500,00 euros.

Factores despoletadores de violência ou agressividade

O projecto foi apresentado na última conferência Houscult, que o Hospital de Faro

promoveu sobre o tema: "Entre a vítima e o agressor. Como avaliar o risco de violência".

Orador convidado deste encontro, enquanto psiquiatra do Instituto Nacional de Medicina Legal da Delegação do Sul, Fernando Vieira aproveitou a ocasião para lembrar que o papel dos profissionais de saúde não é determinar a perigosidade de determinado indivíduo. Para este orador convidado, a decisão de perigosidade deve ser determinada judicialmente e os profissionais de saúde que trabalham nesta área devem ter particular cuidado com esta situação.

Em declarações ao JA, Fernando Vieira sublinhou que

apesar de os profissionais poderem avaliar o indivíduo perante uma série de dados que confrontados com as bases estatísticas podem indicar maior ou menor aptidão para a agressividade, determinar a perigosidade ou a probabilidade de violência. Tudo se resume a uma análise probabilística ou estatística.

Durante a sua intervenção na conferência, Fernando Vieira apresentou alguns dados de estudos internacionais que apontam como alguns elementos importantes para análise desta questão. Entre os possíveis despoletadores de situações de agressividade está por exemplo o desempre-



Fernando Vieira

go, a marginalidade e delinquência, a inadequação sócio-familiar, as condutas de risco, a condenação anterior por violência física, assim como situações vividas de abuso físico ou sexual ou doenças mentais.

Questionado sobre a relação entre o aumento do desemprego e o aumento da violência estão directamente relacionados, Fernando Vieira diz que esta é uma questão pertinente mas particularmente complexa. "Prever é fácil, especialmente se for com o passado", comentou. "Evidentemente que o desemprego pode levar à marginalização social e isso obviamente é um factor. Mas não podemos fazer essas relações causais propriamente directas. Não sabemos como os outros factores causais se vão comportar. Se houver por exemplo mais apoio social, este apoio pode funcionar como factor compensatório", explica.

Esta perspectiva permite perceber que existem factores que podem propiciar a agressividade e a violência que podem ser prevenidos pela própria sociedade e os seus agentes.

Na qualidade de psiquiatra, Fernando Vieira acredita que existem factores que podem ser atenuados. "A sociedade obviamente que tem muito que fazer, nomeadamente a integração social. Algo que nós sabemos é que a violência está associada a aspectos de marginalização", concluiu.

Faro e Portimão no topo da lista da região em violência doméstica

De acordo com os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), em 2008, Faro era o terceiro distrito com maior número de casos de violência doméstica assinalados. Foram registadas 1982 ocorrências, estando entre as situações mais significativas os maus tratos físicos e psicológicos, as ameaças, a difamação e as injúrias, ofensas à integridade física, abusos de confiança e burlas.

A maior parte dos episódios registaram-se em residência comum entre o agressor e a vítima, na casa da vítima ou na rua.

Os concelhos de Faro e Portimão foram os que registaram taxas mais elevadas de casos de violência doméstica na região.

Para já, a APAV só está a disponibilizar os dados nacionais de 2009, sendo por isso impossível analisar a evolução deste cenário.



Freguesias mais violentas e perigosas

Porto Paranhos tem maior volume de criminalidade

MARTA NEVES

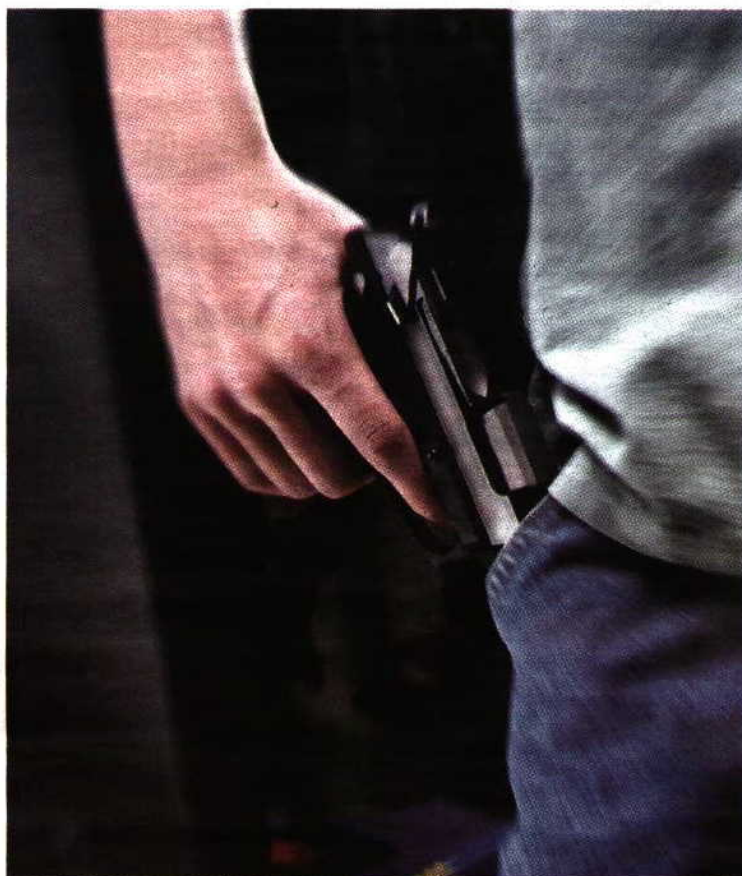
martaneves@jn.pt

O Porto é dos distritos que apresentam os índices mais elevados de criminalidade, ocupando o segundo lugar no volume de processos da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Paranhos, Campanhã e Ramalde são as freguesias mais perigosas.

Tal como no resto do país, onde a criminalidade, durante o ano de 2008, teve um acréscimo de 7,5%, também no distrito do Porto os crimes aumentaram na ordem dos 7,2%. De acordo com o Relatório Anual de Segurança Interna, divulgado no Diagnóstico Social do Porto que foi distribuído anteontem aos vereadores, "o Porto continua a situar-se no conjunto dos distritos que, a nível nacional, apresentam os índices mais elevados de criminalidade".

Da mesma forma, o documento elaborado pela Universidade Católica diz que na cidade do Porto, as freguesias de Paranhos, Campanhã, Ramalde e Lordelo foram as que registaram, em 2008, o maior volume de criminalidade.

Os dados cedidos pelo Comando Metropolitano do Porto da



Porto é dos distritos com maiores índices de criminalidade

PSP indicam que Paranhos lidera a lista de freguesias com maior número de criminalidade, com 2580 queixas. Seguem-se Campanhã (2386) e Ramalde (2091).

Violência doméstica aumenta

O Diagnóstico Social do Porto descreve ainda que o distrito do Porto ocupa o segundo lugar no que respeita ao volume de processos registados pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), com 12,3% do total das queixas. Além disso, 86,6% das vítimas residiam no Porto.

De notar que a maior parte dos crimes registados no distrito do Porto se referia a violência doméstica, com maus-tratos psíquicos e físicos à cabeça-da-lista.

No concelho do Porto, de acordo com dados cedidos pelo comando Metropolitano do Porto da PSP, as freguesias com maior número de participações de violência doméstica, em 2008, foram Campanhã (com 299 casos), Paranhos (266), Ramalde (187) e Bonfim (170). No Porto, houve ainda 583 crimes contra pessoas idosas, sendo a maioria destes relativos a violência doméstica.

Ainda assim, as faixas etárias predominantes deste tipo de violência foram vítimas dos 36 aos 45 anos (18,4%), e dos 26 aos 35 e dos 46 aos 55 anos, ambas com 11,9% do total das queixas.

Nestes episódios, a maioria das mulheres era casada (52%) ou encontrava-se em união de facto (16,7%). Relativamente ao autor dos crimes, 86,4% eram do sexo masculino, cônjuges ou companheiros das vítimas. ■

**Cinema****DESMALTRATAR
O CINEMA?**

Curta nacional premiada
em Hollywood chega às salas

É preferível olhá-lo como filme
denúncia do que como objecto cine-
matográfico. *As Maltratadas*, a curta
da portuguesa **Ana Campinas**, que
já ganhou um prémio no Hollywood
Brazilian Film Festival e estará, a par-
tir de hoje, 25, em sala (a acompanhar
Millenium 2, *A Rapariga que Sonhava
com uma Lata de Gasolina e um Fósfo-
ro*), e foi apadrinhada pela Associação
Portuguesa de Apoio à Vítima, tem
outra história interessante de uma
outra mulher, por trás das mulheres
traficadas do filme. **Ana Campinas**,



38 anos, foi técnica
informática,
durante nove
anos. Depois,
licenciou-se
em Cinema e
Multimédia,
na Universi-
dade Lusófo-
na, e concorreu
a uma bolsa,

numa universidade
californiana. Entre 5 mil candidatos
foram seleccionados 30, entre eles
Ana, que logo se pôs a trabalhar em
documentários e séries americanas.
Com o *manager* brasileiro ganhou
contactos, conheceu o actor Filipe
Camargo e a actriz/modelo Camila
Alves, e juntou uma equipa de mais
de 80 pessoas, que prescindiram do
cachet para concretizar *As Maltra-
tadas*. Ana adora cinema português
– os filmes do género Padre Amaro,
Amália, Salazar... E ao arrepio dos
colegas portugueses, acha que fazer
cinema em Portugal não é um bicho
de sete cabeças. Apenas de umas três
ou quatro.



Dia Europeu da Vítima de Crime

No dia 22 foi assinalado o Dia Europeu da Vítima de Crime. Uma data que merece ser alvo de reflexão quando se assistiu a um aumento de mulheres afectadas por crimes, principalmente de violência doméstica.

A Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) sinalizou 6539 mulheres afectadas por crime em 2009, uma média de 18 por dia, a maioria entre 26 e 45 anos, num total de 7639 vítimas apoiadas pela entidade, dados estes, que apontam para um acréscimo de 1,3 por cento dos processos de apoio. No total, foram registados 17 628 crimes, a maior parte (90 por cento) de violência doméstica.

A APAV refere ainda que, o grau de violência tornou-se muito mais dramático, uma vez que, o número de homicídios aumentou, em percentagem, 128,5 por cento, enquanto que a violação subiu 5,3 por cento e o abuso sexual aumentou também 3,5 por cento.

Outros crimes tais como o rapto ou o sequestro também aumentaram (41,7 por cento, 51 casos), tal como a prostituição de menores, que duplicou face a 2008 (quatro casos), o lenocínio (mais 150 por centos) e o auxílio ou angariação de imigração ilegal (40 por cento).

Números negros, apontam uma média de dois idosos por dia foram vítimas de crime, totalizando



os 642. E, as crianças não escapam aos números dramáticos e entre estas vítimas menores contam-se 610 menores.

Nesta data, a APAV aproveitou para reforçar a campanha nacional «Se pode complicar, para quê facilitar?», que tem por objectivo apostar na prevenção e sensibilização dos portugueses para os crimes contra o património, «carjacking» (roubo de viaturas com violência) e «homejacking» (roubo de casas com violência), assim como, para a segurança pessoal, segurança na rua, nas zonas residenciais e de trabalho, nos transportes e áreas de acesso público.

O Dia Europeu da Vítima de Crime foi instituído pelo Fórum Europeu, que reúne serviços de apoio à vítima nacionais de mais de 16 países europeus, para lembrar e assinalar os direitos de quem é vítima de crime.

Célia Ramos



IMAGEM

BP apoia Corrida da Solidariedade

A BP Portugal é um dos principais patrocinadores da 7.^a Corrida da Solidariedade, a realizar-se já no próximo dia 28, e promovida pelo Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna e pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, que este ano comemora 20 anos de existência. A BP Portugal associou-se à edição deste ano, com a distribuição de camisolas aos participantes e staff, e com a atribuição de prémios em cartões de combustível pré-pagos e cartões Premier Plus com carregamentos de mil pontos.



26-03-2010

Tiragem: 140845

País: Portugal

Period.: Semanal

Âmbito: Informação Geral

Pág: 35

Cores: Cor

Área: 8,50 x 6,89 cm²

Corte: 1 de 1



Corrida solidária pela APAV entre Alcântara e Belém

DOMINGO, dia 28 de Março, tem lugar, em Lisboa, a 7ª Corrida de Solidariedade Social organizada pelos Cadetes do Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna da PSP (ISCPSI) e pela APAV (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima).

A iniciativa, que integra

as comemorações dos 20 anos da APAV, tem como objectivo angariar receitas para a instituição e, ao mesmo tempo, proporcionar aos alunos do ISCPSI uma experiência na organização de um evento que promove uma aproximação entre esta força policial e a comunidade.

AGENDA



ALERTA PARA A VIOLÊNCIA

1 - Na noite de antestreia da curta-metragem *As Maltratadas*, no cinema S. Jorge, a realizadora **Ana Campino** (a terceira na foto) posou junto das atrizes que participam no filme, **Paula Rocha**, **Camila Alves**, **Petra Soraya**, **Leslie Reis** e **Alexandra Fredenthal**.

2 - **Paulina Figueiredo** elogiou o enredo do filme, que venceu o prémio de Melhor Curta-Metragem no Hollywood Brazilian Film Festival, realizado nos Estados Unidos da América em Fevereiro.

3 - **António Ponces de Carvalho**, **Maria do Céu Ferreira**, **Kikas Valle-Flor** e **João Libério** posaram sorridentes.

4 - **Maria Manuel Cyrne** e **Isabel Moya** assistiram à curta-metragem e ao filme de **Stieg Larsson** que se seguiu, *Millennium 2*, iniciativa inserida nas comemorações do 20.º aniversário da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima.

5 - **Célia** e **João Salvado**.

6 - **Carlos Castro**, **Paula Taborda**, **Cláudio Montez** e **João Rolo** estiveram bastante atentos ao filme, que conta uma história de mulheres vítimas de violência.

7 - **Jô** e **Álvaro Caneças**.

FIM DE TARDE COLORIDO

8 - **Sofia Jardim**, relações-públicas da Tempus, o maior grupo relojoeiro de Portugal, foi a anfitriã do evento Get Together Colour Codes, que decorreu na loja Swatch das Amoreiras, em Lisboa.

9 - O actor **Ricardo Pereira** e a namorada, **Francisca Pinto Ribeiro**, marcaram presença na apresentação da nova colecção de relógios.

10 - **Vanessa Martins** também esteve nas Amoreiras.

11 - A protagonista da série da SIC *Lua Vermelha*, **Mafalda Luís de Castro**, com a amiga **Mariana Paixão**.

12 - **Raquel Strada**, repórter de *Vida Nova* e apresentadora de *Factor K*, magazine do canal temático SIC Kids, é fã de relógios.

13 - A actriz **Ana Guiomar** apreciou a colecção, a mais colorida de sempre.

14 - A actriz **Mafalda Teixeira**.

LISBOA**Marcha contra
a violência**

■ Cerca de duas mil pessoas participaram ontem, em Lisboa, na Marcha de solidariedade para com as vítimas da violência. A iniciativa promovida pela Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) e o Instituto Superior de Ciências Policiais e Segurança Interna arrancou em Alcântara e terminou junto ao Mosteiro dos Jerónimos. A marcha visou angariar fundos para a APAV, bem como aproximar a população à PSP.



APOIO À VÍTIMA

**Ministro
em corrida**

■ Rui Pereira, ministro da Administração Interna, super intendente-chefe Oliveira Pereira, director nacional da PSP e Dalila Araújo, secretária de Estado da Administração Interna, marcaram presença na 7ª Corrida de Solidariedade da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV), no último fim-de-semana. As receitas do evento – onde estiveram também Alexandra Fernandes e Cláudia Semedo – reverteram na totalidade para a APAV. Os prémios foram entregues por Heitor Lourenço. ■



**Oliveira Pereira, Rui Pereira e
Dalila Araújo**